

# NOORA ROBERTS

*Ritual  
de Amor*

*Tradução de Fernanda Smedo*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido



*À memória dos meus pais*



Mantém a arder os fogos do lar.  
— LENA GUILBERT FORD

Os voos naturais da mente humana não vão de prazer em prazer,  
mas de esperança em esperança.  
— SAMUEL JOHNSON



## PRÓLOGO

*Hawkins Hollow*  
*Junho de 1994*

Numa radiosa manhã de verão, um caniche miniatura afogou-se na piscina do jardim dos Bestler. Ao princípio, Lynne Bestler, que se escapulira para nadar um pouco antes de as filhas acordarem, julgou tratar-se de um esquilo, o que já teria sido bastante mau. Porém, quando reuniu coragem para remover com a rede a bolinha de pelo, reconheceu *Marcell*, o amado cão do seu vizinho.

Os esquilos não costumam usar coleiras com imitações de diamantes.

Os seus gritos e o barulho da água quando voltou a atirar à piscina o desventurado cão e a própria rede, fizeram o marido sair de casa a correr, em cuecas. Os soluços da mãe e as imprecações do pai ao saltar para a água para rebocar o corpo com a rede, acordaram as gémeas Bestler, que se puseram a chorar, vestidas com as suas camisas de dormir iguais do *My Little Pony*. Não demorou muito que a histeria no jardim fizesse acudir os vizinhos junto das cercas próximas, exatamente no momento em que Bestler se arrastava a si mesmo e ao seu fardo para fora de água. À semelhança de muitos outros homens, Bestler tinha um grande apego à sua roupa interior velha, e o peso da água fora demasiado para o elástico gasto.

Assim, Bestler saiu da água com um cão morto e sem cuecas.

A ensolarada manhã de verão na cidadezinha de Hawkins Hollow começou com choque, mágoa, farsa e drama.

Fox tomou conhecimento da morte extemporânea de *Marcell* minutos depois de entrar na *Ma's Pantry* para comprar uma garrafa de *Coca-Cola* e um par de tiras de carne seca *Slim Jims*.

Conseguira um breve intervalo no trabalho que fazia com o pai na

remodelação de uma cozinha na Main Street. A senhora Larson queria novas bancadas, portas de armários, soalhos e uma pintura. Chamava a isto refrescar as coisas. Para Fox, era uma maneira de ganhar dinheiro suficiente para levar Allyson Brendon a comer piza e a ver um filme no sábado à noite. Esperava com isso convencê-la a entrar no banco traseiro do seu velho *Volkswagen Carocha*.

Fox não se importava de ajudar o pai. Esperava com todas as suas forças não ter de passar o resto da vida a trabalhar com um martelo ou com uma serra elétrica, mas não se importava. A companhia do pai era sempre agradável e Fox livrava-se de trabalhar na horta e de cuidar dos animais na pequena quinta da família. Também lhe permitia um acesso fácil a *Coca-Colas* e *Slim Jims* — dois produtos que nunca poderia encontrar na despensa da casa O'Dell-Barry.

Ali, era a mãe que reinava.

Ficou a saber da morte do cão por Susan Keefaffer, que registou as suas compras enquanto algumas pessoas, sem nada melhor para fazerem numa tarde de junho, tomavam café e coscuvilhavam ao balcão.

Fox não conhecia *Marcell*, mas tinha um fraquinho por animais e sentiu uma pontada de mágoa pelo desventurado caniche. A mágoa foi, de certa forma, atenuada pela imagem do senhor Bestler, que ele *conhecia*, «nu como um gaio», nas palavras de Susan Keefaffer, à beira da sua piscina.

Embora a morte de um pobre cão afogado numa piscina entristecesse Fox, não a relacionou, pelo menos de imediato, com o pesadelo que ele e os seus dois melhores amigos tinham vivido sete anos antes.

Na noite anterior tivera um sonho, um sonho com fogo e sangue, vozes entoando cânticos numa língua que ele não entendia. Porém, julgou-o o resultado de ter visto *A Noite dos Mortos-Vivos* e *Massacre no Texas* com os amigos, Cal e Gage.

Não relacionou o caniche francês morto com o sonho, nem com o que devastara Hawkins Hollow durante uma semana após o seu décimo aniversário. Após a noite que ele, Cal e Gage tinham passado na Pedra Pagã, no bosque de Hawkins — a noite em que tudo mudara, para eles e para a cidade.

Dentro de poucas semanas, os três fariam dezassete anos, e Fox não se esquecia disso. As perspetivas da equipa de Baltimore para o campeonato de basebol desse ano eram boas, outra coisa que também não lhe saía da cabeça. Depois do verão, voltaria para o último ano da escola secundária, o que significava encontrar-se, finalmente, no topo da cadeia alimentar, e começar a fazer planos para a universidade.

Aquilo que ocupava a mente de um rapaz de dezasseis anos era



consideravelmente diferente daquilo que ocupava a de um miúdo de dez, incluindo ir até ao fim com Allyson Brendon.

Assim, quando voltou a descer a rua, um rapaz magro, que ainda não ultrapassara completamente a fase desengonçada da adolescência, os densos cabelos castanhos atados atrás num rabo-de-cavalo curto, olhos castanhos-dourados tapados com óculos de sol *Oakleys*, aquele dia era para ele só mais um dia normal.

O aspeto da cidade era o mesmo de sempre. Aprumada, um pouco antiquada, com as suas velhas casas e lojas de pedra, os alpendres pintados, os passeios altos. Olhou por cima do ombro para a praça, para ver o Bowl-a-Rama. Era o maior edifício da cidade, e os seus dois melhores amigos estavam lá a trabalhar.

Quando ele e o pai acabassem o dia de trabalho, pensou, havia de passar por lá e ver como iam as coisas.

Atravessou a estrada na direção da casa dos Larson. A porta estava destrancada e os *blues* de Bonnie Raitt ecoavam com suavidade na cozinha. O pai acompanhava a cantora com a sua voz clara e natural, ao mesmo tempo que verificava o alinhamento das prateleiras que a senhora Larson queria no armário. Apesar de as janelas e a porta das traseiras estarem fechadas apenas com as redes, a divisão cheirava a serradura, a suor e à cola que tinham usado de manhã para instalar os novos móveis de fórmica.

O pai trabalhava com as suas *Levi's* velhas e uma t-shirt que dizia *Give Peace a Chance*. O seu cabelo era uns quinze centímetros mais comprido que o de Fox e usava-o num rabo-de-cavalo sob um lenço azul. Cortara a barba e o bigode que usava desde que Fox se lembrava e ele ainda não se habituara a ver uma porção tão grande do rosto do pai — ou a ver neste tanto de si próprio.

— Afogou-se um cão na piscina dos Bestler, lá na Laurel Lane — contou-lhe Fox, e Brian parou de trabalhar para se virar.

— Que pena! Alguém sabe como isso aconteceu?

— Não exatamente. Era um daqueles caniches pequeninos, por isso pensam que caiu e não foi capaz de sair.

— É estranho que ninguém o tivesse ouvido ladrar. Que maneira tão triste de morrer. — Brian pousou as ferramentas e sorriu ao seu rapaz. — Dá-me uma dessas *Slim Jims*.

— Quais *Slim Jims*?

— As que tens no bolso de trás. Não trazes saco e não estiveste fora tempo suficiente para teres comido tartes ou chocolates. Tenho a certeza que tens as tiras de carne no bolso. Dás-me uma e a tua mãe não precisa de saber que comemos químicos e produtos animais. Chama-se a isto chantage, meu filho.

Fox resfolegou e tirou as tiras de carne do bolso. Fora exatamente para isto que comprara duas. Pai e filho desembrulharam o petisco, morderam e mastigaram em perfeita harmonia.

— A bancada ficou bem, pai.

— Pois ficou. — Brian percorreu com a mão a superfície macia, pintada em casca de ovo. — A senhora Larson não gosta muito da cor, mas ficou um bom trabalho. Não sei quem será o meu ajudante quando fores para a universidade.

— O Ridge é o próximo da fila — lembrou Fox, referindo-se ao irmão mais novo.

— O Ridge não conseguiria lembrar-se das medidas dois minutos seguidos e, perdido em sonhos, era capaz de cortar um dedo quando usasse a serra de fita. Não. — Brian sorriu e encolheu os ombros. — Este género de trabalho não é para o Ridge. Nem para ti, já agora. Nem para nenhuma das tuas irmãs. Parece-me que terei de alugar um miúdo, se quiser um que queira trabalhar com madeira.

— Eu nunca disse que não queria. — Pelo menos, em voz muito alta.

O pai olhou-o da maneira que fazia por vezes, como se visse mais do que aquilo que ali estava.

— Tu tens bom olho, tens boas mãos. Serás útil na tua própria casa, quando tiveres uma, mas não ficarás agarrado a um cinto de ferramentas para ganhar a vida. Enquanto não descobres o que queres, podes levar esse lixo para o contentor.

— Claro. — Fox reuniu o lixo e começou a carregá-lo para as traseiras, atravessando o pátio estreito até ao contentor alugado pelos Larson para a remodelação.

Ouviu o barulho de crianças a brincarem e olhou para o jardim ao lado. A carga que levava nos braços caiu com estrondo e ressaltou no chão quando o seu corpo se quedou paralisado.

Os rapazinhos brincavam com camiões, baldes e pás numa caixa de areia pintada de azul vivo. Esta, porém, não continha areia. Era sangue o que cobria os braços nus que empurravam os camiões de brincar através daquela imundície dentro da caixa. Fox cambaleou para trás enquanto os meninos imitavam o som dos motores e o vermelho transbordava dos lados azul-vivo da caixa e escorria para a relva verde.

Na cerca que separava os dois jardins, onde as hidrângeas estavam prestes a florir, agachava-se um rapaz que não era um rapaz. Este mostrou os dentes num sorriso quando Fox começou a recuar para a casa.

— Pai! Pai!

O seu tom, o seu medo sem fôlego, fizeram Brian sair de casa a correr.

— O quê? Que foi?

— Tu não... tu não vês? — Porém, mesmo enquanto falava e apontava, algo dentro de Fox sabia. Não era real.

— O quê? — Agora Brian segurava com firmeza os ombros do filho. — Que vês?

O rapaz que não era rapaz dançou no cimo da cerca de arame, enquanto as labaredas se erguiam por baixo dele e transformavam as hidrângeas em cinzas.

— Tenho de ir. Tenho de ir ter com o Cal e o Gage. Agora mesmo, pai. Tenho de ir...

— Vai. — Brian soltou o filho e deu um passo atrás. Não lhe fez perguntas. — Vai.

Fox quase voou para dentro de casa e voltou a sair, subindo o passeio até à praça. A cidade já não lhe parecia como era costume. Mentalmente, Fox conseguia vê-la como fora naquela horrível semana de julho, sete anos antes.

Fogo e sangue, recordou, pensando no sonho.

Irrompeu pelo clube de bólingue quando as ligas de verão da tarde estavam em plena atividade. O estrépito das bolas e dos pinos martelou-lhe na cabeça ao correr para a receção, onde Cal trabalhava.

— Onde está o Gage? — perguntou Fox.

— Caramba, que se passa contigo?

— Onde está o Gage? — repetiu Fox, e os divertidos olhos cinzentos de Cal ensombreceram.

— Está a trabalhar na sala de jogos. Vem aí agora.

A um sinal rápido de Cal, Gage aproximou-se despreocupadamente. — Olá, senhoras. Que... — O sorrisinho irónico desvaneceu-se depois de um olhar ao rosto de Fox. — Que aconteceu?

— Voltou — disse Fox. — Aquilo voltou.

## UM

*Hawkins Hollow*  
*Março de 2008*

Fox lembrava-se de muitos pormenores desse distante dia de junho. O rasgão no joelho esquerdo das *Levi's* do pai, o cheiro a café e a cebolas na Ma's Pantry, o estalar das embalagens quando ele e o pai abriram as *Slim Jims* na cozinha da senhora Larson.

Porém, do que se lembrava melhor, mesmo mais do que do medo e do choque pelo que vira no pátio, era de o pai ter confiado nele.

Demonstrara-lhe essa mesma confiança na manhã do seu décimo aniversário, quando Fox chegara a casa acompanhado de Gage, ambos sujos, exaustos e aterrorizados, contando uma história em que nenhum adulto acreditaria.

Tinham-se preocupado, refletiu. Ainda via a maneira como os pais se tinham entreolhado enquanto ele lhes contava como algo negro, poderoso e *errado* irrompera da clareira onde ficava a Pedra Pagã.

Não tinham desdenhado da sua história, considerando-a o resultado de uma imaginação demasiado fértil, nem sequer o tinham repreendido por ter mentido, dizendo que passaria a noite em casa de Cal quando, na verdade, celebrara o décimo aniversário com os amigos no bosque situado a oeste da cidade.

Em vez disso, os pais tinham-no ouvido. E os pais de Cal, quando chegaram, também os ouviram.

Fox observou a cicatriz fina que lhe atravessava o pulso. Aquela marca, que Cal fizera com a faca de escuteiro quase vinte e um anos antes para que ele, Cal e Gage se tornassem irmãos de sangue, era a única cicatriz que tinha no corpo. Antes dessa noite, antes do ritual, possuía outras — qual era

o rapaz enérgico de dez anos que não as tinha? Contudo, esta fora a única que não desaparecera e, desde então, todas as suas feridas saravam sem deixar qualquer vestígio.

Fora essa marca, essa mistura de sangue, que libertara algo que se encontrava preso há muitos séculos. Durante sete noites, essa coisa libertada devastara Hawkins Hollow.

Eles julgaram que o tinham derrotado, três rapazinhos de dez anos contra algo impiedoso que infetara a cidade. Porém, sete anos mais tarde, *o demónio regressara, para mais sete noites de inferno. E marcara também presença na semana em que fizeram vinte e quatro anos.*

*E voltaria também este verão. As suas manifestações já tinham começado.*

Porém, desta vez, as coisas eram diferentes. Eles estavam mais preparados, tinham mais conhecimento. E já não eram só os três. Eram seis, contando com as três mulheres que tinham chegado a Hollow, conectadas por ancestralidade ao próprio demónio, tal como ele, Cal e Gage estavam ligados à força que o aprisionara.

Agora já não eram crianças, pensou Fox estacionando diante do edifício da Main Street onde tinha o escritório e o apartamento. E, se aquilo que o grupinho dos seis conseguira levar a cabo semanas antes, na Pedra Pagã, servisse de indicação, o demónio que outrora se denominara Lazarus Twisse teria de se preparar para algumas surpresas.

Depois de pegar na pasta, atravessou o passeio. Fora necessário muito suor e um considerável malabarismo financeiro para Fox comprar a velha casa soalheira. Os primeiros anos tinham sido magros — caramba, tinham sido esqueléticos, agora que pensava nisso. Mas valera a pena a luta, as infundáveis refeições de sanduíches de manteiga de amendoim com geleia, porque, agora, cada centímetro do edifício era seu — e do Banco de Hawkins Hollow.

A placa na porta dizia FOX O'DELL, Advogado. Continuava a surpreender-se pelo facto de ter escolhido Direito — ainda mais para o exercer numa cidadezinha.

Achava, contudo, que não devia surpreender-se. O Direito não tinha a ver só com o certo e o errado, mas com todos os matizes existentes entre um e outro. Fox gostava de descobrir qual era o matiz que melhor se aplicava a cada situação.

Entrou no escritório e teve um sobressalto ao ver Layla Darnell, uma do grupo dos seis, atrás da secretária da receção. Por um momento teve uma branca, como lhe acontecia muitas vezes quando a via de repente.

— *Hum* — foi tudo o que disse.

— Olá. — O sorriso dela era cauteloso. — Voltaste mais cedo do que esperava.

Era verdade? Não conseguia lembrar-se. Como podia concentrar-se, com aquela morena sensual e os seus olhos verdes de sereia atrás da secretária, substituindo a senhora Hawbaker, que tinha idade para ser sua avó?

— Eu... nós... ganhámos. O júri deliberou por menos de uma hora.

— Isso é fantástico. — O sorriso de Layla animou-se vários graus. — Parabéns. Era aquele caso dos danos pessoais? O acidente de carro com os senhores Pullman?

— Sim. — Mudou a pasta para o outro ombro e manteve-se à distância, do outro lado da espaçosa receção. — Onde está a senhora Hawbaker?

— Tinha consulta no dentista. Marcou na tua agenda.

Claro que marcara.

— Muito bem. Estarei no meu gabinete.

— Telefonou a Shelley Kholer. Duas vezes. Está decidida a processar a irmã por alienação de afetos e por... espera. — Layla pegou num bloco. — Por ser uma puta falsa — usou mesmo a palavra puta. E, quando telefonou pela segunda vez, queria saber se, como parte do acordo de divórcio, pode ficar com os pontos do traidor do em breve ex-marido numa espécie de concurso NASCAR *online*, porque foi ela que escolheu os pilotos ao grande cretino. Confesso que, desta última parte, as únicas palavras que percebi foram «grande cretino».

— Ah. Bem, interessante. Vou telefonar-lhe.

— Depois chorou.

— Merda. — Fox continuava a ter um fraquinho por animais, e tinha um fraquinho idêntico por mulheres infelizes. — Vou telefonar-lhe agora.

— Não, deves esperar cerca de uma hora — avisou Layla olhando para o relógio. — Neste momento está a submeter-se à terapia de cabeleireiro. Vai pôr-se ruiva. Ela não pode processar a irmã puta falsa por alienação de afetos, pois não?

— Podes processar alguém seja pelo que for, mas eu vou dissuadi-la disso. Lembra-me de lhe telefonar daqui a uma hora. Está tudo bem aqui? — acrescentou. — Precisas de alguma coisa?

— Estou bem. A Alice — a senhora Hawbaker — é uma boa professora. E protege-te muito. Se ela não me sentisse preparada para estar aqui sozinha, não estaria. Além disso, como gerente de escritório em estágio, eu é que te devia perguntar se precisas de alguma coisa.

Uma gerente de escritório que não lhe despertasse a libido já seria um bom começo, mas era demasiado tarde.

— Também estou bem. Estarei... — Apontou o gabinete e dirigiu-se para lá.

Sentiu-se tentado a fechar as portas corrediças, mas parecia má educação. Nunca fechava as portas do gabinete a não ser que estivesse com um cliente que precisasse ou desejasse privacidade.

Como nunca se sentia verdadeiramente real quando usava fato, Fox tirou o casaco e pendurou-o num porquinho sorridente que servia de cabide. Aliviado, tirou a gravata e depositou-a numa vaca de expressão alegre. Sobrava uma galinha, uma cabra e um pato, todos esculpidos pelo pai, em cuja opinião nenhum consultório de advocacia podia parecer abafado se contivesse um bando de lunáticos animais de quinta.

Até agora, Fox achava que funcionara.

Era exatamente o que pretendia de um escritório, algo que fizesse parte de um lar e não de um *edifício*, com vista para um bairro e não para ruas urbanas. Os livros de Direito e as coisas que usava mais frequentemente estavam em prateleiras; porém, aqui e ali, coexistiam pedacinhos dele mesmo. Uma bola de basebol assinada pelo fantástico Cal Ripken, o caleidoscópio em vitral que a mãe lhe fizera, fotografias emolduradas, um modelo à escala da nave *Millenium Falcon* que construía com labor e minúcia quando tinha doze anos.

E, num lugar de destaque, o grande pote de vidro com o seu complemento de notas de um dólar. Uma por cada vez que se distraía e dizia «foda-se» no escritório. Fora um decreto de Alice Hawbaker.

Tirou uma *Coca-Cola* do pequeno frigorífico que mantinha bem fornecido e perguntou-se que faria quando a senhora Hawbaker desertasse para Mineápolis e ele tivesse de lidar com a adorável Layla, não só na sua equipa destinada a combater o demónio, mas cinco dias por semana no seu escritório.

— Fox?

— *Hum?* — Junto da janela, Fox virou-se, e ali estava ela outra vez. — Que se passa? Há algum problema?

— Não. Bem, além do Grande Velhaco, não. Não tens nenhum compromisso nas próximas horas e, como a Alice não está aqui, pensei que podíamos falar acerca disso. Sei que tens outros trabalhos, mas...

— Está bem. — O Grande Velhaco permitir-lhe-ia concentrar-se em algo que não fossem aqueles fabulosos olhos verdes e os lábios cor-de-rosa, macios e brilhantes. — Queres uma *Coca-Cola*?

— Não, obrigada. Sabes quantas calorias contém essa lata?

— Valem bem a pena. Senta-te.

— Estou demasiado nervosa. — Como que para o provar, Layla esfregou as mãos enquanto andava pelo escritório. — Fico mais nervosa a cada dia que passa e nada acontece, o que é estúpido, pois devia ser um alívio. Mas não aconteceu absolutamente nada desde que fomos à Pedra Pagã.

— E atirámos paus e pedras, e palavras mesmo feias a um demónio do Inferno.

— Isso, e o Gage a dar-lhe tiros. E o Cal... — Interrompeu-se e olhou para Fox. — Ainda fico a tremer quando me lembro da forma como o Cal se dirigiu àquela massa preta e retorcida e lhe espetou uma faca. E agora, nada, quase há duas semanas. Antes, quase todos os dias o víamos, sentíamos ou sonhávamos com ele.

— Magoámo-lo — recordou Fox. — Deve estar no canto para onde os demónios vão lambe as feridas.

— A Cybil diz que é só uma trégua, e que ele da próxima vez virá com mais força. Ela passa horas a pesquisar todos os dias, e a Quinn anda a escrever. É o que elas fazem e já o fizeram antes, se não exatamente isto, algo do género. Eu sou novata, mas o que percebo é que não estão a ir a lado nenhum. — Passou uma mão pelo cabelo escuro, depois abanou a cabeça e as sensuais pontas escadeadas agitaram-se. — O que quero dizer é que... Há umas semanas, a Cybil julgava ter pistas sólidas acerca do sítio onde Ann Hawkins esteve para ter os bebés.

Os seus antepassados, pensou Fox. Giles Dent, Ann Hawkins e os filhos que tinham tido juntos.

— E não deram em nada, eu sei. Já falámos acerca disto.

— Mas acho — sinto — que é uma das chaves. Eles são teus antepassados. Teus, do Cal e do Gage. O lugar onde nasceram pode ser importante e, desde que temos alguns diários da Ann, todos concordámos que deve haver mais. E os outros podem dar mais explicações acerca do pai dos seus filhos, o Giles Dent. O que era ele, Fox? Um homem, um bruxo, um demónio bom, se é que essas coisas existem? Como conseguiu prender aquilo que se denominava Lazarus Twisse desde aquela noite em 1652 até à noite em que vocês os três...

— O soltámos — concluiu Fox, e Layla voltou a abanar a cabeça.

— Também já concordámos que estavam destinados a fazê-lo. Fazia parte dos planos de Dent, ou do seu feitiço. Mas parece que não sabemos mais do que sabíamos há duas semanas. Estagnámos.

— Talvez o Twisse não seja o único que precisa de recarregar as baterias. Nós magoámo-lo — repetiu. — Nunca fôramos capazes de o fazer antes. Assustámo-lo. — E a recordação foi suficiente para que os seus olhos dourados brilhassem de satisfação. — De sete em sete anos, a única coisa que fomos capazes de fazer foi tirar as pessoas do caminho e passar um pano sobre os estragos. Agora sabemos que o podemos magoar.

— Magoar não é suficiente.

— Pois não. — Se tinham estagnado, admitiu, parte da culpa era sua. Ele recuara. Arranjara desculpas para não forçar Layla a aperfeiçoar



o dom que possuía, e que era equivalente ao seu. — Que estou eu a pensar agora?

Ela pestanejou.

— Desculpa?

— Que estou a pensar? — repetiu ele e recitou mentalmente o alfabeto.

— Já te disse que não leio mentes e não quero...

— E eu já te disse que não é exatamente o mesmo, mas muito parecido. — Encostou a anca ao canto da sua velha e sólida secretária e os olhares de ambos ficaram ao mesmo nível. A sua camisa clássica estava aberta no pescoço e os cabelos castanhos-escuros ondeavam em torno do rosto anguloso e roçavam a parte de trás do colarinho. — Tu consegues ter impressões, uma sensação, até mesmo uma imagem mental. Tenta de novo.

— Ter bons instintos não é o mesmo que...

— Isso são tretas. Estás a permitir-te ter medo do que tens dentro de ti por causa da sua origem e porque te torna diferente de...

— Humana?

— Não. Torna-te «diferente». — Fox compreendia a complexidade dos sentimentos dela em relação àquilo. Também nele havia algo que era diferente. Por vezes, isso era mais difícil de usar do que fato e gravata. Mas, para Fox, fazer as coisas difíceis era parte da vida. — Não importa de onde vem, Layla. Tu tens aquilo que tens, e és o que és, por uma razão.

— Isso é fácil de dizer quando o teu antepassado é uma luz brilhante e o meu é um demónio que violou uma desgraçada de dezasseis anos.

— Ao pensar assim, estás apenas a permitir-lhe ganhar pontos contigo. Tenta outra vez — insistiu Fox, e dessa vez pegou-lhe na mão antes que ela conseguisse esquivar-se.

— Eu não... Para de me forçar — retorquiu ela. Pressionou a têmpora com a mão livre.

Ele sabia que era um choque ter qualquer coisa introduzida na mente quando não se estava preparado. Mas não podia evitá-lo.

— Que estou eu a pensar?

— Não sei. Só vejo um monte de letras na minha cabeça.

— Exatamente. — A aprovação espalhou-se no seu sorriso e chegou-lhe aos olhos. — Porque eu estava a pensar num monte de letras. Não podes voltar atrás. — Agora, o seu tom era gentil. — E não voltarias, mesmo que pudesses. Não farias as tuas malas para voltar a Nova Iorque e suplicar à tua patroa lá na butique que te devolvesse o teu emprego.

Layla soltou a mão e o rubor inundou-lhe as bochechas.

— Não quero que espreites os meus pensamentos e sentimentos.

— Não, tens razão. E não faço disto um hábito. Mas, Layla, se não puderes ou não quiseres confiar em mim em relação àquilo que está

praticamente à superfície, eu e tu seremos pouco mais que inúteis. O Cal e a Quinn voltam ao passado, o Gage e a Cybil obtêm imagens ou mesmo possibilidades em relação ao que vai acontecer no futuro. Eu e tu somos o presente. E o presente é muito importante. Disseste que estagnámos. Muito bem, vamos avançar.

— Para ti, é mais fácil aceitar, porque tiveste isto... — Abanou um dedo junto da testa. — Tiveste isto vinte anos.

— E tu não? — replicou ele. — É muito provável que o tenhas tido desde que nasceste.

— Por causa do demónio que tenho pendurado na minha árvore genealógica?

— Exatamente. Isso é um facto estabelecido. O que fizeres com isso, depende de ti. Usaste aquilo que possuis há umas semanas, no caminho para a Pedra Pagã. Fizeste essa escolha. Já to disse uma vez, Layla, tens de te comprometer.

— Comprometi-me. Perdi o meu emprego por causa disto. Subaluguei o meu apartamento porque não voltarei a Nova Iorque enquanto isto não tiver acabado. Estou a trabalhar aqui para pagar a renda e a passar a maior parte do tempo que *não* estou a trabalhar aqui, trabalhando com a Cybil e a Quinn nos antecedentes, pesquisas, teorias, soluções.

— E estás frustrada porque não encontraste a solução. Comprometer-se é mais do que dedicar tempo. E não preciso de te ler a mente para saber que ouvir isto te irrita.

— Eu também estive na clareira, Fox. Também enfrentei aquela coisa.

— É verdade. Por que razão é isso mais fácil para ti do que enfrentares aquilo que tens no teu íntimo? É uma ferramenta, Layla. Se deixares as ferramentas embotarem ou enferrujarem, elas deixam de funcionar. Se não as usares, esqueces-te de como se faz.

— E se a ferramenta estiver afiada e bem polida e não souberes que raio fazer com ela, podes causar grandes estragos.

— Eu ajudo-te. — Fox estendeu-lhe a mão.

Layla hesitou. Quando o telefone lá fora começou a tocar, deu um passo atrás.

— Deixa tocar — disse-lhe ele. — Voltarão a ligar.

Mas Layla abanou a cabeça e retirou-se.

— Não te esqueças de ligar à Shelley.

Correra bem, pensou ele com tristeza. Abriu a pasta e retirou o ficheiro do caso de danos pessoais que acabara de ganhar. Perdem-se umas, ganham-se outras, concluiu.

Como percebeu que era o que ela queria, manteve-se à distância durante o resto da tarde. Era bastante simples dar-lhe instruções através do

*e-mail* interno, para que escrevesse uma procuração segundo a minuta, com os nomes específicos que o cliente queria, ou pedir-lhe que preparasse e enviasse uma conta, ou pagasse outra. Fez os telefonemas de que precisava, em vez de pedir a Layla que lhos passasse. De qualquer maneira, esse procedimento sempre lhe parecera estúpido.

Ele sabia usar a porcaria do telefone.

Conseguiu acalmar Shelley, pôr documentos em dia e ganhar um jogo de xadrez *online*. Quando considerou a hipótese de enviar outro *e-mail* a Layla, para a mandar para casa ao fim do dia, percebeu que se tratava de um comportamento de evitação e não apenas de manutenção da paz.

Quando chegou à recepção, era a senhora Hawbaker quem estava à secretária.

— Não sabia que tinha voltado — começou Fox.

— Já cá estou há algum tempo. Acabei de verificar os documentos que a Layla te preparou. Preciso que assines estas cartas.

— Está bem. — Pegou na caneta que ela lhe estendia e assinou. — Onde está ela? A Layla?

— Já se foi embora. Saiu-se bem sozinha.

Compreendendo que era mais uma pergunta que uma afirmação, ele acenou com a cabeça.

— Sim, saiu-se bem.

Com as suas maneiras bruscas, a senhora Hawbaker dobrou as cartas que Fox assinara.

— Não precisas das duas aqui ao mesmo tempo, nem podes pagar o salário a dobrar.

— Senhora H...

— Virei só metade do dia até ao final da semana. — Falava agora com rapidez, enfiando as cartas nos envelopes e fechando-os. — Só para me certificar de que tudo corre como deve ser, para ti e para ela. Quaisquer problemas, posso vir e ajudar a resolvê-los. Mas não espero que os haja. Nesse caso, não voltarei cá depois da próxima sexta-feira. Temos muita coisa para empacotar e organizar. Expedir as coisas para Mineápolis, mostrar a casa.

— Raios.

Ela apontou-lhe um dedo e semicerrou os olhos.

— Quando eu tiver partido, podes rogar as pragas que quiseres mas, enquanto ainda cá estou, cuidado com a linguagem.

— Sim, minha senhora. Senhora H...

— E não me mandes esses olhos de cachorrinho, Fox O'Dell. Já pas-sámos por tudo isto antes.

Era verdade, e ele podia sentir a mágoa e o medo da mulher. Atirar-lhe

para cima com o seu próprio medo e a sua própria mágoa não serviria de nada.

— Hei de manter o pote da palavra começada por *f* no meu gabinete, em sua memória.

Aquilo fê-la sorrir.

— Da maneira que a espalhas por todo o lado, poderás reformar-te rico só com os rendimentos daquele pote. Ainda assim, és um bom rapaz. És um bom advogado, Fox. Agora, vai. Estás livre para o resto do dia... o pouco que falta. Vou só acabar algumas coisas e depois fecho a porta.

— Certo. — Deteve-se junto da porta e olhou-a. O seu cabelo cor de neve estava perfeitamente arranjado, e o fato azul era muito digno. — Senhora Hawbaker? Já sinto a sua falta.

Fechou a porta atrás de si e enfiou as mãos nos bolsos ao descer as escadas para o passeio de tijolo. Levantou os olhos ao ouvir uma buzina e acenou a Denny Moser, que passava de carro. A família de Denny era proprietária da loja de ferragens da cidade e este fora um terceira-base atlético dos Hawkins Hollow Bucks, na escola secundária.

Denny Moser que, durante os últimos Sete, perseguira Fox com uma chave de tubos e instintos assassinos.

Voltaria a acontecer, pensou Fox. Aconteceria novamente dentro de alguns meses se não o conseguissem travar. Denny agora era casado e tinha uma filha — e era possível que desta vez, durante essa semana em julho, perseguisse a mulher ou a menina com uma chave de tubos. Ou que a sua mulher, antiga chefe de claque e atualmente prestadora de cuidados diurnos, lhe cortasse a garganta enquanto ele dormisse.

Isto acontecera antes, a insanidade coletiva que atingia pessoas normais e decentes. E voltaria a acontecer. A não ser que...

Era um ventoso fim de tarde de março e ele caminhou ao longo do passeio de tijolo, sabendo que não podia permitir que voltasse a acontecer.

Provavelmente, Cal ainda estava no clube de bólingue, pensou Fox. Iria lá tomar uma cerveja, talvez jantar cedo. Quem sabe, em conjunto, pudessem descobrir qual a próxima direção a seguir.

Ao aproximar-se da praça, viu Layla sair da Ma's Pantry, do outro lado da estrada, com um saco de plástico. Hesitou quando o viu, o que lhe plantou nas entranhas uma semente de forte irritação. Ela fez-lhe um aceno casual e caminharam até ao semáforo da praça, de lados opostos da estrada.

Pode ter sido irritação ou a frustração de tentar decidir entre fazer o que seria natural para ele — esperar do seu lado que ela atravessasse para lhe falar, ou fazer aquilo que sentia, mesmo à distância, que Layla preferia — que ele continuasse simplesmente a subir a Main, para não se cruzarem.

Fosse como fosse, Fox chegava à esquina quando sentiu um medo — repentino e vivo. Deteve-se abruptamente, erguendo a cabeça.

Lá em cima, nos cabos aéreos que cruzavam a Main e a Locust, estavam os corvos.

Dúzias deles em imobilidade absoluta, aglomerados ao longo do cabo fino. Uma grande massa, de asas fechadas, observando. Quando olhou para o outro lado da estrada, percebeu que Layla também os vira, quer os tivesse sentido, quer tivesse simplesmente seguido a direção do olhar dele.

Fox não correu, embora sentisse uma necessidade urgente de o fazer. Em vez disso, caminhou com passadas longas e rápidas para o outro lado da estrada, onde ela continuava a segurar o saco de plástico branco.

— São reais. — Foi apenas um sussurro. — Ao princípio, pensei que fossem apenas outra... mas são reais.

— Sim. — Fox pegou-lhe no braço. — Vamos para dentro. Vamos virar-nos, e vamos lá para dentro. Depois...

Interrompeu-se quando ouviu o primeiro movimento atrás de si, apenas uma agitação do ar. E, nos olhos dela, agora muito abertos, muito grandes, percebeu que era demasiado tarde.

O bater das asas era um tornado de som e velocidade. Fox encostou-a ao edifício e fê-la baixar-se. Puxando-lhe a cabeça para o seu peito, abraçou-a e usou o corpo como escudo.

Ouviu vidros que se partiam ao seu lado e atrás de si. Travões guincharam entre estrepitos e baques de metal. Ouviu gritos, passos de corrida, sentiu a força vibrante quando os pássaros lhe embateram nas costas, a rápida ferroada dos bicos que o rasgavam. Sabia que os sons molhados e duros que ouvia eram aqueles corpos voadores a esmagarem-se contra paredes e janelas, caindo sem vida na estrada e no passeio.

Acabou depressa, não demorou mais de um minuto. Uma criança gritou repetidas vezes — uma nota longa e aguda a seguir à outra.

— Fica aqui. — Um pouco sem fôlego, inclinou-se para que Layla lhe visse o rosto. — Fica aqui.

— Estás a sangrar, Fox.

— Fica aqui!

Pôs-se de pé. Na interseção, três carros tinham chocado. Os para-brisas estavam estilhaçados, formando padrões de teia de aranha nos sítios onde as aves tinham embatido. Para-choques esmagados, notou enquanto corria para o acidente, nervos abalados, guarda-lamas amolgados. Podia ter sido muito pior.

— Estão todos bem?

Não ouviu as palavras: *Viste aquilo? Voaram direitinhos para o meu carro!* Mas ouviu com os sentidos. Colisões e nódoas negras, nervos em

franja, cortes sem importância, mas nenhum ferimento grave. Deixou que outros resolvessem as coisas e voltou para junto de Layla.

Ela estava rodeada de pessoas que tinham saído da Ma's Pantry e das lojas de ambos os lados da rua.

— Que raio de coisa — disse Meg, a cozinheira da Ma's, olhando para o vidro estilhaçado do pequeno restaurante. — Que raio de coisa!

Como já vira tudo aquilo antes, e muito, muito pior, Fox pegou na mão de Layla.

— Vamos.

— Não devíamos fazer alguma coisa?

— Não há nada a fazer. Levo-te a casa, depois telefonamos ao Cal e ao Gage.

— A tua mão. — A voz dela era pavor e nervos. — As costas da tua mão já estão a sarar.

— Faz parte dos benefícios — informou ele tristemente, e conduziu-a através da Main.

— Eu não usufruo desse benefício. — Ela falou calmamente e correu para acompanhar as suas passadas longas e rápidas. — Se não me tivesses protegido, estaria a sangrar. — Ergueu a mão para o corte no rosto dele, que fechava lentamente. — Mas dói-te, quando acontece e quando sara. — Baixou o olhar para as mãos dadas de ambos. — Posso senti-lo.

Quando ele começou a soltá-la, Layla apertou-a mais.

— Não, eu quero sentir. Tinhas razão. — Olhou para trás, para ver os corpos dos corvos espalhados pela praça, a menina que chorava como louca nos braços da sua chocada mãe. — Odeio que tenhas razão e que eu tenha de trabalhar isto. Mas tens razão. Não serei de nenhuma ajuda se não aceitar aquilo que tenho em mim e se não aprender a usá-lo. — Olhou-o e inspirou para ganhar ânimo. — A trégua terminou.

## Dois

**T**omou uma cerveja sentado à mesinha, com as suas engraçadas cadeiras de ferro, que tornavam a cozinha da casa alugada distintamente feminina. Pelo menos, na ideia de Fox. Os vasinhos coloridos de ervas aromáticas, dispostos no parapeito da janela, contribuíam para esse tom, achava ele, assim como a jarra esguia de margaridas brancas que uma das mulheres devia ter trazido da florista da cidade para completar o cenário.

As mulheres, Quinn, Cybil e Layla, tinham conseguido, em algumas semanas, transformar a casa num lar, com mobília do mercado de rua, retalhos e generosas manchas de cor.

Tinham-no conseguido apesar de dedicarem a maior parte do tempo a pesquisar e a determinar as raízes do pesadelo que infetava Hollow durante sete dias, de sete em sete anos.

Um pesadelo que começara há vinte e um anos, no aniversário que partilhava com Cal e Gage. Essa noite modificara-o, assim como aos amigos. Os seus irmãos de sangue. As coisas tinham mudado outra vez quando Quinn chegara à cidade em busca de informação para escrever um livro sobre Hollow e a sua lenda.

Agora, aquilo era mais do que um livro para a loira curvilínea que gostava do lado misterioso da vida e que se apaixonara por Cal. E era mais do que um projeto para a colega de universidade de Quinn, Cybil Kinski, a investigadora exótica. Mas achava que, para Layla Darnell, era apenas um problema.

Ele, Cal e Gage, eram amigos desde miúdos — ou ainda antes, pois

as mães tinham frequentado juntas as aulas de preparação para o parto. Quinn e Cybil tinham sido colegas de quarto na universidade, e eram amigas desde então. Layla, porém, viera para Hollow, metera-se naquela situação, completamente sozinha.

Obrigava-se a recordar esse facto sempre que começava a impacientar-se. Por mais forte que fosse a amizade que surgira entre ela e as outras duas mulheres, por mais que estivesse conectada com o todo, Layla metera-se naquilo sozinha.

Cybil entrou com um bloco de notas grande, do género que era usado pelos advogados. Atirou-o para cima da mesa e pegou numa garrafa de vinho. Os seus cabelos compridos e encaracolados estavam afastados do rosto, presos por ganchos que brilhavam, prata contra preto. Usava calças pretas estreitas e uma camisa cor-de-rosa vivo por fora. Estava descalça e o verniz das unhas dos pés era igual à cor da camisa.

Fox sempre achara estes pormenores particularmente fascinantes. Ele quase não conseguia combinar um par de meias.

— Então... — Os seus profundos olhos castanhos procuraram os dele. — Estou aqui para recolher o teu depoimento.

— E não vais ler-me os meus direitos? — Quando ela sorriu, Fox encolheu os ombros. — Apresentámos-te o essencial quando chegámos.

— Agora quero pormenores, advogado. — A voz dela era macia como natas batidas. — A Quinn gosta particularmente de pormenores nas notas para os seus livros, e precisamos todos deles para continuar a pintar o quadro. Ela está lá em cima a falar com a Layla, que está a mudar de roupa. A camisa dela estava suja de sangue. Suponho que fosse teu, porque ela não tinha um arranhão.

— Eu também já não tenho.

— Sim, é o teu fantástico poder de cura. É conveniente. Conta-me tudo, está bem, giraço? Sei que é uma chatice, porque quando os outros chegarem, também vão querer ouvir. Porém, não é isso que dizem nos filmes policiais, continua a dar voltas ao caso, talvez te lembres de mais alguma coisa?

Como ela tinha razão, Fox começou pelo momento em que olhara para cima e vira os corvos.

— Que estavas a fazer mesmo antes de olhares para cima?

— Subia a Main. Ia passar pelo bólingue para visitar o Cal. Comprar uma cerveja. — Com os lábios curvados num quase sorriso, levantou a garrafa. — Vim aqui e arranjei uma de graça.

— Foste tu que as compraste, se bem me lembro. Aparentemente, se te dirigias à praça e os pássaros interpretavam a sua cena à Hitchcock por cima do cruzamento, terias dado por eles antes.



— Eu ia distraído, a pensar sobre... trabalho, e coisas. — Penteou com os dedos o cabelo ainda húmido por ter lavado a porcaria dos pássaros à torneira. — Acho que estava a olhar para o outro lado da estrada e não para cima, porque a Layla vinha a sair da Ma's.

— Tinha lá ido comprar aquele nojento leite desnatado para a Quinn. Terá sido um acaso — bom ou mau — estarem os dois exatamente naquele sítio? — Inclinou a cabeça para um lado, ergueu as sobranceiras. — Ou terá sido exatamente por isso?

Agradava-lhe o facto de ela ser rápida e perspicaz.

— Inclino-me mais para a segunda hipótese. Se o Grande Velhaco quisesse anunciar o seu regresso ao ativo, teria mais impacto se estivesse pelo menos um de nós presente. Não é tão divertido apenas ouvir falar disso.

— Inclino-me para o mesmo. Já concluímos que ele é capaz de influenciar mais fácil e rapidamente animais ou pessoas que estejam perturbadas. Daí, os corvos. Já tinha acontecido antes.

— Sim, corvos ou outras aves a voarem contra os vidros, as pessoas, os edifícios. Quando começa, mesmo pessoas que estavam presentes noutras ocasiões, ficam surpreendidas. Como se fosse a primeira vez que vissem tal coisa. Faz parte dos sintomas, como lhe chamamos.

— Havia outras pessoas na rua, pedestres, condutores...

— Claro.

— E ninguém parou e disse: «Caramba, olha aqueles corvos todos ali em cima!»

— Não. — Fox abanou a cabeça, seguindo a linha de pensamento dela. — Ninguém os viu ou, se os viram, não lhes pareceu estranho. Isso também aconteceu antes. As pessoas viram coisas que não existiam, e não viram coisas que estavam lá. Mas nunca tinha acontecido tanto tempo antes dos Sete.

— Que fizeste depois de veres a Layla?

— Continuei a andar. — Curioso, inclinou a cabeça para tentar ler as notas dela. O que viu foram letras e sinais retorcidos, que não percebeu como alguém poderia decifrar, mesmo que não os visse de cabeça para baixo. — Acho que me detive por um segundo, como é natural, depois continuei a andar. E foi então que... primeiro senti-os, é o que *eu* faço. É uma espécie de tomada de consciência. É como o cabelo a eriçar-se na parte de trás do pescoço, ou um formigueiro entre as omoplatas. Vi-os mentalmente e então olhei para cima e vi-os com os olhos. A Layla também os viu.

— Mesmo nesse momento, ninguém mais os viu?

— Não. — Voltou a passar a mão pelo cabelo. — Acho que não. Eu queria levá-la para dentro, mas não houve tempo.

Cybil não o interrompeu nem fez mais perguntas enquanto ele lhe contava o resto. Quando terminou, ela pousou o lápis e sorriu-lhe.

— És um querido, Fox.

— É verdade. Uma grande verdade. Porquê?

Continuou a sorrir quando ela se levantou e contornou a mesinha. Tomou-lhe o rosto nas mãos e beijou-o levemente na boca. — Vi o teu casaco. Está rasgado e coberto de sangue de pássaro e sabe Deus mais o quê. Podia ter sido a Layla.

— Posso arranjar outro casaco.

— Como eu disse, és um querido. — Voltou a beijá-lo.

— Desculpem interromper este momento comovente. — Gage entrou na cozinha, o seu cabelo negro despenteado pelo vento, os olhos verdes e cínicos. Guardou um *pack* de seis cervejas no frigorífico e tirou uma para beber.

— O momento terminou — anunciou Cybil. — Que pena teres perdido toda a excitação.

Gage abriu a cerveja.

— Haverá muitos mais momentos antes de tudo acabar. Estás bem? — perguntou a Fox.

— Sim. Não verei o meu DVD de *Os Pássaros* nos próximos tempos, mas tirando isso...

— O Cal disse-me que a Layla não ficou ferida.

— Não, ela está bem. Está lá em cima a mudar de roupa. As coisas sujaram-se um pouco.

A um olhar de Fox, Cybil encolheu os ombros.

— É a minha deixa para ir lá acima saber dela e deixar-vos ter uma conversa de homens.

Quando ela saiu, Gage seguiu-a com o olhar.

— Tem bom aspeto, a vir e a ir. — Dando um grande gole na cerveja, sentou-se diante de Fox. — Estás interessado?

— Em quê? Na Cybil? Não. — A mulher deixara um aroma no ar, percebeu Fox, que era ao mesmo tempo misterioso e atrativo. Mas... — Não. E tu?

— O olhar é livre. Foi muito mau, hoje?

— Já vimos muito pior. Sobretudo, danos materiais. Uns golpes e umas nódoas negras, talvez. — Tudo nele endureceu, por dentro e por fora. — Gage, os pássaros teriam dado cabo da Layla se eu não estivesse lá. Ela não teria conseguido entrar a tempo em lado nenhum. Não só voavam de encontro aos carros e aos edifícios, como se dirigiam a ela.

— Podia ter sido qualquer um de nós. — Gage ponderou por um momento. — No mês passado, atacou a Quinn, que estava sozinha no ginásio.

— O seu alvo são as mulheres — concordou Fox com um aceno. — Mais especificamente, quando uma delas está sozinha. Partindo do princípio, errado, de que uma mulher sozinha é mais vulnerável.

— Não é inteiramente errado. Nós saramos, elas não. — Gage recostou-se na cadeira. — Não há maneira de manter protegidas três mulheres enquanto tentamos perceber como matar um demónio centenário e muito zangado. Além disso, precisamos delas.

Ouviu a porta da frente abrir e fechar, e mudou de posição na cadeira para ver Cal entrar carregado de sacos de comida pronta.

— Hambúrgueres, sanduíches — anunciou Cal. Depositou tudo na bancada, examinando Fox. — Estás bem? A Layla está bem?

— A única baixa foi o meu casaco de cabedal. Como estão as coisas lá fora?

Tirando uma cerveja, Cal sentou-se junto dos amigos. Os seus olhos eram de um cinzento frio e zangado.

— Cerca de uma dúzia de montras partidas na Main Street e os três carros amontoados na praça. Desta vez não houve ferimentos graves. O presidente da Câmara e o meu pai reuniram algumas pessoas para tratar dos estragos. O chefe Larson está a recolher depoimentos.

— E, se as coisas correrem como de costume, dentro de dois dias já ninguém pensará no assunto. Talvez seja melhor assim. Se este género de coisas se fixasse na cabeça das pessoas, Hollow seria uma cidade fantasma.

— Talvez devesse ser. E não me venhas com a história da velha cidade natal — disse Gage para Cal antes que este conseguisse falar. — É apenas um lugar. Um pontinho no mapa.

— São pessoas — corrigiu Cal, embora aquela discussão já tivesse acontecido antes. — São famílias, são lojas e casas. E é nossa, caramba. O Twisse, ou o que quer que lhe chamemos, não nos vai tirá-la.

— Não te ocorre que seria muitíssimo mais fácil derrubá-lo se não tivéssemos de nos preocupar com as três mil pessoas de Hollow? — retorquiu Gage. — O que é que acabamos por fazer durante a maior parte dos Sete, Cal? Tentamos impedir as pessoas de se matarem a si mesmas ou umas às outras, levamo-las ao hospital. Como podemos combatê-lo, se estamos ocupados a combater o resultado das suas ações?

— Ele tem razão. — Fox ergueu uma mão em sinal de paz. — Eu sei que já desejei que pudéssemos simplesmente tirar daqui toda a gente e enfrentá-lo. Acabar com ele, foda-se. Mas não podemos dizer a três mil pessoas que abandonem as suas casas e negócios durante uma semana. Não podemos esvaziar uma cidade inteira.

— Os Anasazi fizeram-no. — Quinn surgiu à porta. Dirigiu-se

primeiro a Cal. O seu cabelo loiro e comprido tombou para a frente quando ela se dobrou junto da sua cadeira para o beijar. — Olá.

Quando se endireitou, conservou as mãos sobre os ombros dele. Fox não tinha a certeza se o gesto era motivado por simples afeto, se pretendia acalmá-lo. Porém, quando Cal ergueu uma mão para a pôr em cima de uma das dela, percebeu que estavam unidos.

— Não seria a primeira vez que se esvaziava uma aldeia ou uma cidade, por razões inexplicáveis ou misteriosas — continuou ela. — Os antigos Anasazi, que construíram complexas comunidades nos vales do Arizona e do Novo México, a aldeia colonial de Roanoke. Poderá ter sido devido à guerra, a uma doença ou a qualquer outra coisa. Tenho-me perguntado se alguns destes casos podem estar relacionados com a «qualquer outra coisa» com que estamos a lidar.

— Achas que foi o Lazarus Twisse que varreu os Anasazi e os povoadores de Roanoke? — perguntou Cal.

— Talvez, no caso dos Anasazi, antes de ele ter assumido qualquer nome que conheçamos. O caso de Roanoke ocorreu depois de 1652, por isso não podemos atribuí-lo ao nosso Grande Velhaco particular. É só uma teoria que tenho investigado. — Virou-se para espreitar os sacos em cima da bancada. — Seja como for, temos de comer.

Enquanto comida e pratos eram transferidos para a sala de jantar, Fox conseguiu falar em privado com Layla.

— Estás bem?

— Sim. — Ela pegou-lhe na mão e virou-a para examinar a pele sem marcas. — Parece que tu também.

— Ouve, se quiseres tirar uns dias no trabalho, não há problema.

Layla soltou-lhe a mão e inclinou a cabeça, fitando-lhe demoradamente o rosto.

— Achas mesmo que sou tão covarde?

— Não, só queria dizer...

— Achas, sim. Achas que, como não adiro completamente à ideia da fusão mental dos Vulcanos, sou uma covarde.

— Não acho. Calculei que ficasses abalada, qualquer pessoa ficaria. Dou-te pontos pela referência ao Spock, já agora, embora seja uma inexactidão.

— É? — Ela passou rapidamente por ele e sentou-se à mesa.

— Muito bem. — Quinn lançou um olhar nostálgico ao hambúrguer de Cal antes de começar a comer o seu frango grelhado. — Estamos todos informados acerca do que aconteceu na praça. Pássaros maus. Vamos registar e fazer um mapa da ocorrência, e amanhã tenciono falar com algumas das pessoas que assistiram. Não sei se será útil recolher o

corpo de um corvo e mandá-lo analisar. Talvez existam sinais de alguma alteração física, uma infecção, algo fora do normal, que se possa descobrir numa autópsia.

— Deixamos isso contigo. — Cybil fez uma careta ao morder a sandes de peru que cortara em quartos. — E nada de discutir autópsias ao jantar. Eis o que me parece interessante acerca do acontecimento de hoje. Tanto a Layla como o Fox sentiram e viram os pássaros, tanto quanto sei, ao mesmo tempo. Ou quase ao mesmo tempo, o que dá no mesmo. Agora, isso terá sido simplesmente porque nós os seis temos alguma conexão com o lado da luz e o lado das trevas daquilo que aconteceu e continua a acontecer em Hawkins Hollow? Ou terá sido devido ao dom específico que eles partilham?

— Eu diria que foi por ambos. — Foi a opinião de Cal. — Com algum realce para o dom partilhado.

— Concordo — disse Cybil. — Então, como vamos usar isto?

— Não vamos. — Fox serviu-se de batatas fritas. — Pelo menos, enquanto a Layla se recusar a aprender a usar o seu dom. É mesmo assim — continuou, quando Layla o fitou. — Não tens de gostar, mas as coisas são assim. Aquilo que possuis não te serve de nada, nem ao grupo, se não o usares ou aprenderes a usar.

— Não disse que não o faria, mas não te permitirei que me forces. E tentares envergonhar-me também não vai resultar.

— E o que resultará? — replicou Fox. — Estou aberto a sugestões.

Cybil levantou uma mão.

— Já que fui eu quem abriu a lata de vermes, deixem-me tentar. Tu tens reservas acerca disto, Layla. Porque não nos dizes quais são?

— Sinto que estou a perder pedaços de mim própria, ou de quem eu pensava ser. Se acrescentar mais isso, nunca voltarei a ser quem era.

— Pode ser — concordou Gage com naturalidade. — Mas, de qualquer maneira, não deves ficar viva depois de julho.

— Claro. — Com uma pequena gargalhada, Layla pegou no copo de vinho. — Devo ver as coisas pelo lado melhor.

— Tentemos isto. — Cal abanou a cabeça para Gage. — O mais provável é que tivesses sido ferida hoje se não existisse algo entre ti e o Fox. Algo que surgiu sem que qualquer um de vós o tentasse deliberadamente. Que é? — perguntou quando Quinn começou a falar e depois se deteve.

— Não, nada. — Quinn trocou um olhar rápido com Cybil. — Digamos que percebo o ponto de vista de cada um e que todos têm razão. Mas quero dizer, Layla, que talvez deveses olhar para isto de outra maneira. Em vez de achares que perdes algo, pensa que ganhas. Entretanto, vamos continuar a examinar os diários da Ann Hawkins e os outros livros que a

bisavó do Cal nos deu. E a Cybil continuará a trabalhar para descobrir para onde foi a Ann na noite em que Giles Dent enfrentou Lazarus Twisse na Pedra Pagã, onde ficou para ter os filhos, onde viveu até voltar para aqui, quando os filhos tinham quase dois anos. Ainda temos esperança de, ao descobirmos esse lugar, encontrarmos mais diários. E a Cybil também verificou o seu ramo da árvore genealógica.

— Um ramo mais recente que os vossos, tanto quanto posso dizer — continuou Cybil. — Uma das minhas antepassadas, uma tal Nadia Sytarskyi, viajou para aqui com a família e outras pessoas em meados do século XIX. Casou com Jonah Adams, um descendente de Hester Deale. Na verdade, tenho dois ramos, porque cerca de cinquenta anos mais tarde, um dos meus outros antepassados, do lado Kinski, também veio para aqui e casou com uma neta de Nadia e Jonah. Assim, tal como a Quinn e a Layla, sou descendente de Hester Deale e do demónio que a violou e engravidou.

— O que nos torna a todos uma grande família feliz — interrompeu Gage.

— O que nos torna alguma coisa. Não me cai bem — continuou Cybil, falando diretamente para Layla — saber que parte do que possuo, do que sou, provém de uma coisa malévola, algo que não é humano nem generoso. De facto, irrita-me. Irrita-me tanto que tenciono usar tudo o que tenho, tudo o que sou, para o derrotar.

— Preocupa-te que ele possa usar aquilo que tu tens e és?

Cybil ergueu o copo mais uma vez, e os seus olhos negros estavam frios enquanto bebia.

— Ele pode tentar.

— A mim, preocupa. — Layla observou a mesa, o rosto daquelas pessoas de quem aprendera a gostar. — Preocupa-me ter alguma coisa em mim que não posso controlar ou compreender completamente. Preocupa-me que a certa altura, em qualquer altura, ele possa controlar-me. — Abanou a cabeça antes de Quinn poder falar. — Até agora, ainda não sei se escolhi vir para aqui ou se fui para cá dirigida. O mais perturbador para mim é já não ter a certeza se, tudo o que fiz, foi uma escolha, ou apenas parte de um plano mais elevado criado por estas forças — o negro e a luz. É o que isto tem subjacente para mim. É o ponto mais importante.

— Ninguém está a amarrar-te a essa cadeira — salientou Gage.

— Calma — avisou Fox, mas Gage apenas encolheu os ombros.

— Não me parece. Se a Layla tem um problema, é um problema de todos e temos de o resolver. Porque não fazes as malas, voltas para Nova Iorque e recuperas o teu emprego a vender — o que é? — sapatos demasiado caros a mulheres aborrecidas e com dinheiro a mais?

— Não vás por aí, Gage.

— Não. — Layla pôs uma mão no braço de Fox quando este começou a levantar-se. — Não preciso de ser resgatada nem protegida. Porque não me vou embora? Porque isso faria de mim uma cobarde, algo que até agora nunca fui. Não vou porque, para o que raptou a Hester Deale, que pôs dentro dela o seu bastardo meio-demónio, a enlouqueceu e a levou ao suicídio, não haveria nada melhor do que eu cortar com vocês e fugir. Sei melhor que qualquer um de vocês o que ele lhe fez, porque me obrigou a experimentá-lo. Talvez isso me faça ter mais medo que vocês, talvez isso fizesse parte do plano. Não vou a lado nenhum, mas não tenho vergonha de admitir que estou assustada. Do que está lá fora e do que está dentro de mim. Dentro de todos nós.

— Se não tivesses medo, eras estúpida. — Gage levantou o copo, quase como se fosse brindar. — As pessoas espertas e conscientes são mais difíceis de manipular que as estúpidas.

— De sete em sete anos, pessoas boas desta cidade, pessoas normais, inteligentes e conscientes, magoam-se umas às outras e a si próprias. Fazem coisas que nunca lhes passaria pela cabeça fazerem noutras ocasiões.

— Achas que podes ser infetada? — perguntou-lhe Fox. — Que podes ficar diferente, magoar alguém? Um de nós?

— Como podemos ter a certeza que sou imune? Que a Cybil e a Quinn o são? Não devíamos supor que, devido à nossa linha genealógica, podemos ser ainda mais vulneráveis?

— Essa é uma boa pergunta. Perturbadora — acrescentou Quinn. — Mas boa.

— Mas não faz sentido. — Fox mudou de posição para Layla o encarar. — As coisas não correram da maneira que o Twisse planeava ou esperava, porque o Giles Dent estava preparado. Impediu-o de estar por perto quando Hester deu à luz, impediu-o de ter mais descendência, por isso a linha diluiu-se. Vocês não são o que ele procurava e, de facto, tanto quanto sabemos e podemos especular, fazem parte do que, desta vez, me vai dar, assim como ao Cal e ao Gage, uma vantagem. Tens medo dele, do que está dentro de ti? Pensa que o Twisse tem medo de ti, do que está em ti. Por que outra razão procuraria afugentar-te?

— Boa resposta. — Quinn esfregou a mão de Cal.

— Parte dois — continuou Fox. — Não é apenas uma questão de imunidade ao poder que ele tem de levar as pessoas a cometerem atos violentos e anormais. É uma questão de possuir algum aspeto desse poder, se bem que diluído. E que, quando se juntar, vai acabar com ele de uma vez por todas.

Layla examinou o rosto de Fox.

— Acreditas nisso?

Ele começou a responder, depois pegou-lhe na mão, apertando quando ela tentou soltar-se.

— Diz-me tu.

Layla debateu-se. Fox viu e sentiu aquela recusa inicial e instintiva em aceitar semelhante elo com ele. Teve de resistir ao impulso de forçar, e limitou-se a abrir-se. Mesmo quando sentiu o «clique», esperou.

— Tu acreditas — disse Layla lentamente. — Tu... tu vê-nos como seis fios entrançados numa só corda.

— E enforcaremos o Twisse com ela.

— Tu ama-los tanto. É...

— Ah... — Agora foi Fox quem se esquivou, corado e embaraçado por ela ter visto mais, ter ido mais fundo do que ele esperava. — Então, agora que isto está resolvido, quero outra cerveja.

Dirigiu-se à cozinha e, quando se virava com uma cerveja na mão, junto do frigorífico, Layla entrou.

— Desculpa, eu não queria...

— Não faz mal, não é importante.

— É. Eu só... Foi como estar dentro da tua cabeça ou do teu coração, e eu vi, ou senti, essa onda de amor, essa ligação que tens ao Cal e ao Gage. Não foi isso que me pediste para fazer e foi tão intrusivo.

— Está bem. Olha, o processo é cheio de armadilhas. Eu estava um pouco mais aberto do que devia porque achei que tu precisavas disso. O facto é que tu não precisas de tanta ajuda como eu pensei. E como tu pensavas.

— Não, estás enganado. Preciso de ajuda. Preciso que me ensines.

— Ela aproximou-se da janela e observou a escuridão. — Porque o Gage tinha razão. Se continuar a deixar que isto seja um problema para mim, será um problema para todos. E se vou usar esta capacidade, tenho de ser capaz de a controlar, para não andar a entrar a torto e a direito nas cabeças das pessoas.

— Começaremos a trabalhar nisso amanhã.

Ela anuiu.

— Estarei pronta. — Voltou-se. — Dizes aos outros que fui para cima? Este dia foi muito estranho.

— Claro.

Por um momento, ela ficou quieta, olhando-o.

— Queria dizer-te, e desculpa se for embaraçoso para ti, mas há algo de especial num homem que tem capacidade de amar tão profundamente como tu. O Cal e o Gage têm sorte de ter um amigo como tu. Qualquer pessoa teria sorte, se tivesse um amigo como tu.



— Sou teu amigo, Layla.

— Espero que sim. Boa-noite.

Ele deixou-se ficar ali depois de ela subir, recordando-se que devia manter-se seu amigo. Manter-se tudo o que ela precisasse, quando precisasse.

## TRÊS

**N**o seu sonho, era verão. O calor agarrava-o com mãos suadas, sugando-lhe a energia como se espremesse a água de um trapo. No bosque Hawkins as folhas densas e verdes criavam uma abóbada sobre a sua cabeça, mas os raios de Sol conseguiam penetrar através delas, como se fossem raios laser a incidir-lhe nos olhos. Bagas amadureciam nas silvas e os lírios selvagens tinham florescido num tom sobrenatural de laranja.

Fox conhecia o caminho. Parecia que sempre conhecera o seu caminho através daquelas árvores, daqueles trilhos. A mãe ter-lhe-ia chamado memória sensorial, pensou. Ou instantâneos de vidas passadas.

Ele gostava da tranquilidade dos bosques — o zumbido baixo dos insetos, o roçar suave de esquilos ou coelhos, o coro melódico das aves com pouco mais para fazer num dia quente de verão além de cantar e voar.

Sim, ele conhecia o seu caminho ali, conhecia os sons, conhecia até a sensação do ar em cada uma das estações, porque já ali caminhara em todas. Verões escaldantes, primaveras em flor, outonos frescos, invernos brutais. Assim, reconheceu a frescura do ar que lhe subia pela espinha e a súbita mudança de luz, o matiz cinzento que não era somente uma nuvem tresmalhada a tapar o sol. Conhecia o rugido suave que vinha detrás dele, de diante dele, e abafava a música dos gaios.

Continuou a percorrer o trilho até à lagoa Hester.

O medo caminhava a seu lado. Escorria-lhe pela pele como se fosse suor, dava-lhe vontade de correr. Não levava qualquer arma e no sonho não se perguntava por que razão fora ali sozinho e desarmado. Quando as

árvores — agora despidas — começaram a sangrar, ele prosseguiu. O sangue era mentira; o sangue era medo.

Só parou quando viu a mulher. Esta encontrava-se na margem da pequena lagoa negra, de costas para ele. Dobrou-se e começou a apanhar pedras para encher os bolsos.

Hester. Hester Deale. No sonho, Fox chamou-a, embora soubesse que estava perdida. Não podia recuar centenas de anos e impedi-la de se afogar. Mas também não podia impedir-se de o tentar.

Por isso, chamou-a enquanto avançava rapidamente e o rugido se transformava num riso húmido de horrível diversão.

*Não. Não faças isso. A culpa não foi tua. Nada disto foi culpa tua.*

Quando ela se virou, quando o olhou nos olhos, não era Hester, mas sim Layla. As lágrimas manchavam-lhe a cara como chuva ácida, e tinha as faces brancas como cal.

*Não consigo parar. Não quero morrer. Ajuda-me. Não podes ajudar-me?*

Ele começou a correr na direção dela, mas o caminho alongava-se e o riso era cada vez mais sonoro. Ela estendeu-lhe os braços, numa súplica final, antes de desaparecer nas águas da lagoa.

Fox saltou. A água estava brutalmente fria. Mergulhou, procurando-a até os pulmões em brasa o obrigarem a vir à superfície respirar. Uma tempestade grassava agora nos bosques, selvagens relâmpagos vermelhos, trovões a retumbar, provocando fogos que engoliam árvores inteiras. Mergulhou de novo, chamando Layla em pensamento.

Quando a viu, mergulhou mais fundo.

Os olhos de ambos reencontraram-se e, mais uma vez, ela estendeu-lhe os braços.

Abraçou-o. A sua boca tomou a dele num beijo tão frio quanto a água. E arrastou-o para o fundo, para o afogar.

Acordou com falta de ar e a garganta a arder. O coração batia-lhe dolorosamente enquanto procurava atabalhoadamente a luz e se sentava na ponta da cama para acalmar a respiração.

Não estava nos bosques nem na lagoa, disse a si mesmo, mas na sua própria cama, no seu próprio apartamento. Pressionando os olhos com as mãos, pensou que já se devia ter acostumado aos pesadelos. Ele, Cal e Gage tinham sido assolados por estes sonhos maus de sete em sete anos desde o seu décimo aniversário. Também devia estar acostumado a trazer alguns aspetos do sonho agarrados a si.

Ainda estava gelado, a pele a tremer em espasmos sobre os ossos gélidos. O sabor ferroso da água da lagoa ainda lhe revestia a garganta. Não era

real, pensou. Não era mais real do que árvores a sangrar ou fogos que não ardiam. Era só mais um malévolo golpe de um demónio do Inferno. Não haveria danos permanentes.

Levantou-se, saiu do quarto e atravessou a sala para ir à cozinha. Tirou uma garrafa de água fresca do frigorífico e bebeu metade do seu conteúdo.

Quando o telefone tocou e viu o número de Layla, sentiu o alarme brotar de novo.

— Que se passa?

— Estás bem. — Ela soltou um longo suspiro de alívio. — Estás bem.

— Porque não havia de estar?

— Eu... Santo Deus, são três da manhã. Desculpa. Tive um ataque de pânico. Acordei-te. Desculpa.

— Não me acordaste. Porque é que eu não havia de estar bem, Layla?

— Foi só um sonho. Não te devia ter telefonado.

— Estávamos na lagoa Hester.

Houve um momento de silêncio.

— Matei-te.

— Como advogado de defesa, tenho de te avisar que vai ser um caso difícil, pois a vítima encontra-se viva e de pé na sua cozinha.

— Fox...

— Foi um sonho. Um sonho mau, mas não passou de um sonho. Ele está a jogar com as tuas fraquezas, Layla. — *E com as minhas*, percebeu, *porque eu quero salvá-la*. — Posso ir aí...

— Não, não. Já me sinto bastante estúpida por te ter telefonado. Foi tudo tão real, percebes?

— Percebo.

— Nem pensei, limitei-me a pegar no telefone. Bem, já estou mais calma. Temos de falar acerca disto amanhã.

— Falaremos. Tenta dormir.

— Tu também, Fox. Estou contente por não te ter afogado na lagoa Hester.

— Também estou bastante contente com isso. Boa-noite.

Fox levou a garrafa de água para o quarto. Aí, ficou a olhar pela janela que dava para a rua. A cidade estava tranquila e imóvel como uma fotografia. Nada bulia. As pessoas que ele amava, as pessoas que conhecia, encontravam-se em segurança nas suas camas.

Mas Fox ficou no escuro, alerta, pensando num beijo tão frio como um túmulo. E, apesar disso, sedutor.

...

— Consegues lembrar-te de mais pormenores? — Cybil tomava notas acerca do sonho de Layla, enquanto esta terminava o café.

— Acho que já te contei tudo.

— Está bem.

Cybil recostou-se na cadeira da cozinha, tamborilou com o lápis.

— Ao que parece, tu e o Fox tiveram o mesmo sonho. Será interessante verificar se foram exatamente iguais ou se alguns pormenores variaram.

— Interessante.

— E informativo. Podias ter-me acordado, Layla. Todos sabemos o que é ter estes pesadelos.

— Senti-me mais calma depois de falar com o Fox e perceber que não estava morto. — Conseguiu um sorriso breve. — Além disso, não preciso de um psiquiatra para saber que essa parte do sonho foi provocada pela conversa da noite passada. O meu medo de magoar um de vocês.

— Especialmente o Fox.

— Talvez especialmente. Por enquanto, trabalho para ele. E preciso de trabalhar com ele. Tu, eu e a Quinn somos... bem... farinha do mesmo saco. Não estou tão preocupada com vocês as duas. Conta tu à Quinn o meu sonho.

— Assim que ela voltar do ginásio. Como presumo que arrastou o Cal, deve convencê-lo a vir aqui tomar café. Poderei contar aos dois, e alguém contará ao Gage. O Gage foi um bocadinho bruto contigo ontem à noite.

— Foi.

— Precisavas disso.

— Talvez. — Não valia a pena queixar-se, pensou Layla. — Deixa-me perguntar-te uma coisa. Tu e o Gage vão ter de trabalhar juntos, também, na devida altura. Como funcionará isso?

— Atravessarei essa ponte quando lá chegar. E julgo que arranjaremos uma maneira de lidar com isso sem derramar o sangue um do outro.

— Se tu o dizes. Vou lá acima vestir-me para ir trabalhar.

— Queres uma boleia?

— Não, obrigada. A caminhada vai fazer-me bem.

Layla não se apressou. Alice Hawbaker estaria a dirigir o escritório e não havia muito que fazer. Com Alice ali, Layla não achava sensato juntar-se com Fox a um canto para comentarem um sonho partilhado. Também não seria a ocasião apropriada para ter uma aula de aperfeiçoamento e, mais importante para ela, controlo do seu dom.

Ocupar-se-ia durante algumas horas, faria os recados que Alice tivesse preparado. Tinham-lhe bastado alguns dias para compreender o ritmo

do escritório. Caso ela tivesse algum interesse ou aspiração a secretariar um escritório de advogados, a prática que estava a adquirir no de Fox ser-lhe-ia útil.

Como isso não era verdade, estaria mortalmente aborrecida dentro de algumas semanas.

Mas não era essa a questão, pensou Layla enquanto se dirigia propositadamente para a praça. A questão era ajudar Fox, receber um ordenado e manter-se ocupada.

Parou na praça. E essa era outra questão. Ela podia estar ali, pensou, podia olhar diretamente para as janelas partidas ou tapadas com cartão. Podia obrigar-se a enfrentar o que lhe acontecera no final da tarde anterior e jurar a si mesma fazer tudo o que pudesse para travar aquela loucura.

Virou-se e começou a descer a Main Street e a percorrer os poucos quarteirões até ao escritório de Fox.

Era uma cidadezinha agradável se não se levasse em consideração o que lhe acontecia de sete em sete anos. Ao longo da Main havia lindas casas antigas e lojinhas. Era movimentada, à maneira das cidades pequenas. Um movimento regular, com rostos familiares a tratar de assuntos e a fazer trocos nas caixas registadoras. Isso parecia-lhe confortável.

Agradavam-lhe os alpendres amplos, os toldos, os jardins arranjados diante das casas e os passeios de tijolo. Era um lugar agradável e singular, pelo menos à superfície, e não era tão parecido com um postal ilustrado que se tornasse aborrecido.

O ritmo da cidade era outra coisa a que se habituara facilmente. As pessoas andavam a pé, paravam para conversar com um vizinho ou um amigo. Se atravessasse a rua para a Ma's Pantry, cumprimentavam-na e tratavam-na pelo nome, perguntavam-lhe como estava.

A meio do quarteirão, deteve-se diante da lojinha de presentes onde comprara algumas bugigangas para a casa. A dona estava lá fora, a olhar para as montras partidas. Quando se virou, Layla viu que chorava.

— Lamento muito. — Layla dirigiu-se à mulher. — Posso fazer alguma...

A mulher abanou a cabeça.

— É só vidro, não é verdade? Só vidro e objetos. Muitas coisas partidas. Um par desses malvados pássaros entrou na loja, deu-me cabo de metade do *stock*. Até parecia que tinham intenção, como um bando de bêbados numa festa. Não sei...

— Lamento tanto.

— Digo a mim própria, bem, tens o seguro. E o senhor Hawkins arranja as montras. É um bom senhorio e as montras serão arranjadas em breve. Mas é como se isso não importasse.

— Eu também estaria de coração partido — disse Layla, pondo-lhe uma mão no braço para a confortar. — Tinha aqui umas coisas lindíssimas.

— Agora estão partidas. Há sete anos, um grupo de miúdos, pensamos nós, invadiram isto e viraram a loja do avesso. Partiram tudo o que puderam, escreveram obscenidades nas paredes. Foi difícil recuperar disso, mas recuperámos. Não sei se tenho coragem de fazer tudo outra vez. — A mulher entrou na loja e pôs-se atrás da montra partida.

Não eram só vidros e objetos quebrados, pensou Layla, continuando a andar. Eram também sonhos quebrados. Um ato de maldade podia causar tanta destruição.

La de coração pesado quando entrou na receção do escritório. A senhora Hawbaker estava sentada à secretária, a escrever no computador.

— Bom-dia. — Parou e sorriu a Layla. — Está muito bonita.

— Obrigada. — Layla tirou o casaco e pendurou-o no armário. — Uma amiga minha de Nova Iorque enviou-me as minhas roupas. Posso fazer-lhe um café, ou tem alguma coisa para eu começar a fazer já?

— O Fox pediu que fosse lá atrás quando chegasse. Tem cerca de trinta minutos antes do primeiro cliente.

— Muito bem.

— Hoje saio à uma. Lembre-se de recordar ao Fox que tem tribunal amanhã de manhã. Está na agenda dele e envie-lhe um aviso, mas é melhor voltar a recordá-lo ao fim do dia.

— Muito bem.

Pelo que observara, pensou Layla percorrendo o corredor, Fox não era nem de longe tão esquecido ou distraído como ele e Alice gostavam de pensar. Visto que as portas do gabinete estavam abertas, deu uma batida e entrou logo a seguir. Depois parou e ficou a olhar.

Fox estava atrás da secretária, diante da janela, com as calças de ganga que usava quando não ia a tribunal e a camisa por fora, a fazer malabarismo com três bolas vermelhas. Tinha as pernas afastadas, a expressão completamente relaxada e aqueles olhos de tigre seguiam o círculo descrito pelas bolas enquanto as suas mãos apanhavam e atiravam, apanhavam e atiravam.

— Sabes fazer malabarismo.

Ele abrandou o ritmo mas conseguiu apanhar duas bolas com uma mão e uma com a outra antes de as fazer voar pela sala.

— Sim. Ajuda-me a pensar.

— Sabes fazer malabarismo — repetiu, pasmada e encantada.

Como era raro vê-la sorrir assim, ele pôs as bolas a rodar outra vez.

— É tudo uma questão de *timing*. — Quando ela riu, Fox atirou-as bem alto e começou a andar e a virar-se para as apanhar. — Três objetos,

ou mesmo quatro, do mesmo tamanho e peso, não são um grande desafio. Quando quero um desafio, misturo-os. Agora estou só a pensar com malabarismo.

— Pensar com malabarismo — repetiu Layla enquanto ele voltava a apanhar as bolas.

— Sim. — Abriu a gaveta da secretária e guardou as bolas lá dentro. — Ajuda-me a limpar a cabeça quando estou... — Olhou-a longamente. — Caramba! Estás... bonita.

— Obrigada. — Ela vestira uma saia e um casaco curto, justo, e perguntava-se agora se estaria demasiado arranjada para o seu posto de trabalho atual. — Recebi o resto das minhas roupas e pensei que, já que as tinha... Bem querias falar-me.

— Queria? Pois era — lembrou-se. — Espera. — Atravessou a sala até às portas e fechou-as. — Queres tomar alguma coisa?

— Não.

— Muito bem. — A sua cabeça, limpa pelo malabarismo, ficou outra vez enublada graças às pernas dela, por isso foi buscar uma *Coca-Cola* ao frigorífico. — Pensei que, já que temos algum tempo esta manhã, devíamos comparar notas acerca do nosso sonho. Vamos sentar-nos.

Layla sentou-se numa das cadeiras destinadas aos visitantes e Fox sentou-se na outra.

— Começa tu — pediu ela.

Quando ele terminou, levantou-se, abriu o frigorífico e tirou uma garrafa de *Pepsi Diet*. Quando lha pôs na mão e ela se limitou a olhar para a garrafa, Fox voltou a sentar-se.

— É isso que bebes, não é? É disto que o vosso frigorífico está cheio.

— Sim. Obrigada.

— Queres um copo?

Ela abanou a cabeça. Aquela simples consideração não devia tê-la surpreendido e, contudo, surpreendeu.

— Tens ali a *Sprite Diet* para a Alice?

— Sim, porque não?

— Porque não? — murmurou ela e depois bebeu. — Eu também estive nos bosques — começou Layla. — Mas não era só eu. A Hester estava na minha cabeça, ou eu na dela. É difícil dizer. Senti o seu desespero, o seu medo, como se fossem meus. Eu... eu nunca estive grávida, nunca tive um filho, mas senti o meu corpo diferente. — Hesitou, depois disse a si mesma que, se fora capaz de contar os pormenores a Cybil, também podia contá-los a Fox. — Os meus seios estavam pesados e eu compreendi, *soube*, que amamentara. Da mesma maneira que tive a experiência da sua violação. Era o mesmo tipo de consciência. Eu sabia para onde me dirigia.



Voltou a deter-se e mudou de posição para o olhar. Pensou que ele tinha uma maneira de ouvir que demonstrava não só escutar cada palavra mas também compreender o que lhes subjazia.

— Eu não conhecia aqueles bosques, só lá estive dessa vez, mas sabia onde estava e que ia para a lagoa. Sabia porquê. Não queria ir. Não queria ir para lá, mas não consegui impedir-me. Não consegui impedi-la. Gritava por dentro, pois não queria morrer, mas ela queria. Ela já não aguentava mais.

— Não aguentava o quê?

— Ela lembrava-se. Lembrava-se da violação, de como se sentira, do que tinha dentro de si. Recordava a noite na clareira. Ele, aquilo, controlou-a a ponto de a levar a acusar Giles Dent da violação e de o denunciar, assim como à Ann Hawkins, por bruxaria. Partiu do princípio de que estavam mortos e não era capaz de viver com a culpa. Ele mandou-a fugir.

— Quem?

— O Dent. Na clareira, mesmo antes do incêndio, olhou para ela — teve pena dela, perdoou-a. Disse-lhe que fugisse. A Hester fugiu. Tinha só dezasseis anos. Toda a gente pensava que a criança era de Dent e lamentava-a por isso. Ela sabia, mas teve medo de se desdizer. Teve medo de falar. — Magoava-a falar daquilo. Aquele medo, aquele horror e desespero. — Estava constantemente assustada, Fox, e louca com aquele medo, aquela culpa, aquelas memórias, na altura em que deu à luz a criança. Eu senti isso tudo, tudo em rebuliço dentro dela... e de mim. Ela queria acabar com aquilo. Queria levar a criança e acabar com ela também, mas não foi capaz.

Aqueles olhos atentos e compassivos semicerraram-se para o rosto de Layla.

— A Hester pensou em matar o bebé?

Confirmando com a cabeça, Layla inspirou lentamente.

— Ela temia e odiava aquilo, mas também o amava. Aquilo, não o bebé. Quero dizer...

— A Hester pensava no bebé como «aquilo».

— Sim, sim, mas mesmo assim não consegui matar o bebé. Se o tivesse feito — foi o que eu pensei, quando o compreendi — se o tivesse feito, eu não estaria aqui. Ao poupar a criança, deu-me a vida, e agora ia matar-me porque eu estava presa a ela. Caminhávamos juntas e, se me ouviu, deve ter pensado que eu era uma das vozes que a enlouquecia. Não consegui obrigá-la a ouvir-me, nem fazê-la compreender. E então, vi-te. — Fez uma pausa para beber mais um pouco, para se acalmar. — Vi-te e pensei, graças a Deus. Graças a Deus que ele está aqui. Sentia as pedras na minha mão quando ela lhes pegou, senti o seu peso a empurrar os bolsos do vestido que usávamos. Não havia nada que eu pudesse fazer, mas pensei...

— Pensaste que eu era capaz de a impedir. — Ele pensara o mesmo, cogitou Fox. Em salvar a rapariga.

— Tu estavas a chamar, a dizer-lhe que a culpa não era dela. Correste para ela... para mim. E, por um instante, pensei que ela te ouvira. Pensei, senti, que queria acreditar em ti. E, de repente, estávamos na água, a afogar-nos. Não sei se a Hester caiu, se saltou, mas estávamos debaixo de água. Disse a mim mesma para não entrar em pânico. Sou uma boa nadadora.

— Capitã da equipa de natação.

— Já te contei? — Consegui um sorriso breve, voltou a molhar a garganta. — Disse a mim mesma que podia chegar à superfície, apesar do peso, sou uma nadadora forte. Mas não consegui, sequer, tentar. Não eram só as pedras que me puxavam para baixo.

— Era a Hester.

— Sim. Vi-te na água, a mergulhar, e então... — Layla fechou os olhos e cerrou os lábios.

— Está tudo bem. — Estendeu o braço e pousou uma mão em cima da dela. — Nós estamos bem.

— Fox, não sei se era ela ou eu... Não sei. Nós agarrámo-nos a ti.

— Beijaram-me.

— Matámos-te.

— Tivemos todos um triste fim, mas isso não aconteceu realmente. Por mais vívido e sensorial que tenha sido, não era real. Foi uma maneira dura de te meteres dentro da cabeça de Hester Deale, mas agora sabemos mais acerca dela.

— Porque estavas ali?

— O meu melhor palpite? Eu e tu temos uma ligação. Já partilhei sonhos com o Cal e o Gage. É a mesma coisa. Mas desta vez foi mais, houve outro nível de conexão. No sonho eu vi-te, Layla. Não vi a Hester. Ouvi-te. Isso é interessante. Algo em que devo pensar.

— Enquanto fazes malabarismo.

Ele sorriu.

— Mal não faz. Precisamos de...

O intercomunicador zumbiu.

— Está aqui o senhor Edwards.

Fox levantou-se e premiu o botão do intercomunicador da sua secretária.

— Muito bem, dê-me um minuto. — Virou-se para Layla, que se punha de pé. — Precisamos de mais tempo para falar disto. O meu último cliente esta tarde é às...

— Quatro. A senhora Halliday.

— Certo. És competente. Se não tiveres combinado nada, podemos ir lá para cima depois disso e trabalhar um pouco.

Estava na altura, pensou Layla, de se pôr ao trabalho.

— Muito bem.

Fox acompanhou-a à porta, que abriu.

— Podíamos jantar qualquer coisa — começaram.

— Não quero que tenhas trabalho.

— Tenho os números de todos os restaurantes que entregam comida num raio de cinco milhas.

Ela esboçou um sorriso.

— Bom plano.

Fox acompanhou Layla até ao lugar onde os cento e dez quilos de Edwards preenchiam uma cadeira da receção. A sua barriga, coberta por uma t-shirt branca, caía em almofadas sobre a cintura das calças de ganga. Usava um boné com publicidade à John Deere, por baixo do qual se via o seu cabelo grisalho e emaranhado. Pôs-se de pé e estendeu a mão para apertar a que Fox lhe estendia.

— Como vai? — perguntou Fox.

— Diga-me você.

— Vamos lá para trás, senhor Edwards, falar acerca disso.

*Trabalha ao ar livre*, pensou Layla enquanto Fox conduzia o cliente para o gabinete. Talvez um agricultor, construtor ou jardineiro. Pouco mais de sessenta anos e desmotivado.

— Qual é a história dele, Alice? Pode contar-ma?

— Disputa de propriedade — informou Alice juntando envelopes. — O Tim Edwards tem uma quinta alguns quilómetros a sul da cidade. Os responsáveis por um projeto urbanístico compraram uns terrenos adjacentes. O exame topográfico pôs cerca de oito acres da terra do Tim fora dos limites. O urbanista quiere-os, o Tim também. Vou numa corrida aos correios.

— Eu posso fazer isso.

Alice abanou um dedo.

— E eu perdia o passeio e os mexericos? Tenho aqui as notas para um fideicomisso que o Fox está a redigir. Pode fazer isto enquanto estou fora.

Uma vez sozinha, Layla sentou-se e começou a trabalhar. Dez minutos depois, perguntava-se por que razão as pessoas precisavam de uma linguagem tão complicada e enrolada para dizer o que era simples. Continuou a trabalhar, atendeu o telefone, marcou reuniões. Quando Alice voltou, tinha perguntas. Notou que Edwards saiu do gabinete parecendo consideravelmente menos desanimado.

À uma da tarde ficou sozinha e satisfeita por poder imprimir o fideicomisso que Alice revira. Quando ia na página dois, a impressora avisou que tinha pouca tinta. Foi ao armário que ficava do outro lado da bonita bibliotecazinha de Direito, esperando que Fox tivesse tinteiros de reserva. Avistou a caixa na prateleira de cima.

Porque tinha de ser sempre a prateleira de cima?, perguntou-se. Aliás, para começar, qual era o interesse de existirem prateleiras de cima, dado que nem toda a gente do mundo media um metro e oitenta? Pôs-se em bicos de pés, esticou-se e conseguiu empurrar a caixa para uma ponta da prateleira. Segurando-se com uma mão a uma prateleira mais baixa, conseguiu fazê-la mexer-se mais dois centímetros.

— Vou almoçar — disse Fox atrás dela. — Se quiseres alguma coisa... Espera, deixa-me tirar isso.

— Já quase consegui apanhar esta porcaria.

— Pois, e vai cair-te na cabeça.

Fox encostou-se ao armário e estendeu o braço exatamente quando Layla se virava.

Os corpos roçaram-se, embateram um no outro. Layla ergueu o rosto e preencheu-lhe a visão, enquanto o seu cheiro deslizava por ele como laços de cetim. Aqueles olhos de sereia marinha fizeram-no sentir-se um pouco embriagado e muito carente. Pensou: *Calma, O'Dell*. Depois cometeu o erro de deixar que o seu olhar descesse para a boca dela. E ficou perdido.

Inclinou-se para baixo, mais um centímetro, ouviu-a inspirar. Layla entreabriu os lábios e ele fechou a distância mínima que os separava. Roçou-lhe a boca, apenas uma prova pequena e suave, depois outra, leve como uma pena. Ela desceu as pálpebras sobre aqueles olhos sedutores e roçou-lhe a boca com a sua.

O beijo tornou-se mais profundo, um deslizar lento para o calor que lhe baralhava os sentidos, que os enchia dela até que tudo o que queria era mergulhar, mergulhar, mergulhar. E afogar-se.

Ela emitiu um som que ele não sabia se era de prazer ou de perturbação, porque o sangue lhe rugia nos ouvidos. Mas lembrou-se de onde estavam. Como estavam. Interrompeu o beijo, percebendo que, praticamente, a empurrava para dentro do armário.

— Desculpa, desculpa. — A mulher trabalhava para ele, por amor de Deus. — Não devia tê-lo feito. Não foi apropriado. Foi... — *Fantástico*. — Foi...

— Fox?

Ele recuou trinta centímetros ao ouvir a voz atrás de si. Quando se virou, sentiu o estômago cair-lhe para os joelhos.

— Mãe.

— Desculpa interromper. — Lançou a Fox um sorriso radioso, depois virou-se para Layla. — Olá. Sou a Joanne Barry. Mãe do Fox.

Porque é que nunca havia um buraco no chão quando precisávamos dele?, pensou Layla.

— Prazer em conhecê-la, senhora Barry. Sou a Layla Darnell.

— Eu disse-te que a Layla está a ajudar-me no escritório. Estávamos só...

— Sim, pois estavam.

Ainda a sorrir, não fez mais comentários.

Era o tipo de mulher para quem se ficava a olhar fixamente mesmo que não se estivesse estupidificado, pensou Layla. Tinha todo aquele rico cabelo castanho a ondular livremente em torno de um rosto anguloso, com uma boca cheia e sem pintura e grandes olhos cor de avelã que conseguiam demonstrar ao mesmo tempo divertimento, curiosidade e paciência. Tinha uma constituição alta e esguia, e as calças de ganga de cintura descaída, as botas e a camisola justa caíam-lhe na perfeição.

Como parecia que Fox emudecera, Layla conseguiu clarear a garganta.

— Eu, ah, eu precisava de um tinteiro novo. Para a impressora? Está na prateleira de cima.

— Claro, claro. Eu ia buscá-lo. — Fox virou-se e conseguiu colidir novamente com Layla. — Desculpa. — *Santo Deus*. Ainda mal conseguia puxar a caixa para baixo quando Layla pegou nela e desapareceu.

— Obrigada.

— Tens um minuto para mim? — perguntou Jo docemente. — Ou tens de voltar ao que estavas a fazer quando eu entrei?

— Para com isso. — Fox levantou os ombros e conduziu a mãe ao seu gabinete.

— É muito bonita. Ninguém te pode censurar por queres brincar aos patrões e às secretárias.

— Mãe. — Fox arrastou as mãos pelo cabelo. — Não era nada disso. Era só... Esquece. — Tombou numa cadeira. — Que se passa?

— Tinha umas coisas para fazer na cidade. Uma delas era passar pela tua irmã para almoçar. A Sparrow disse-me que não te vê lá há duas semanas.

— Tenho querido ir.

Jo encostou-se à secretária.

— Comeres qualquer coisa que não seja frita, processada e cheia de químicos uma vez por semana não te há de matar, Fox. E devias apoiar a tua irmã.

— Ok, vou lá hoje.

— Ótimo. Em segundo lugar, ia levar algumas cerâmicas à Lorrie. Deves ter visto o que aconteceu à loja dela.

— Não especificamente. — Pensou nas janelas quebradas, nos cadáveres dos corvos na Main Street. — Os danos são muito graves?

— São graves. — Jo ergueu uma mão para o trio de cristais pendurados de um colar em volta do pescoço. — Fox, a Lorrie falou em fechar. Em mudar-se. Isto parte-me o coração. E assusta-me. Tenho medo por ti.

Ele levantou-se e abraçou-a, encostou a face na dela.

— Vai ficar tudo bem. Estamos a trabalhar nisso.

— Quero fazer alguma coisa. Eu e o teu pai, todos nós, queremos fazer alguma coisa.

— Fizeste alguma coisa todos os dias da minha vida. — Deu-lhe um apertão. — Foste a minha mãe.

Jo recuou para lhe segurar o rosto nas mãos.

— Herdaste esse encanto do teu pai. Olha-me nos olhos e repete que vai correr tudo bem.

Sem hesitação ou manha, fitou os olhos da mãe.

— Vai correr tudo bem. Confia em mim.

— Confio. — Beijou-lhe a testa, uma bochecha, depois a outra, e finalmente deu-lhe uma bicadinha nos lábios. — Mas continuas a ser o meu bebé. Espero que tomes conta do meu bebé. Agora, vai almoçar à tua irmã. O prato do dia é salada de beringela.

— *Yummy!*

Tolerante, a mãe deu-lhe uma palmadinha na barriga.

— Devias fechar o escritório por uma hora e levar aquela rapariga bonita a almoçar contigo.

— A rapariga bonita trabalha para mim.

— Como é que eu consegui criar um rapaz tão certinho? É desanimador. — Deu-lhe outra palmadinha antes de se encaminhar para a porta.

— Amo-te, Fox.

— Amo-te, mãe. Eu saio contigo — acrescentou rapidamente, percebendo que a mãe não se ensaiaria nada para passar pela secretária de Layla e tentar extrair informações à rapariga bonita.

— Terei outras ocasiões de a apanhar sozinha e espreme-la — disse Jo com naturalidade.

— Sim, mas não hoje.

A salada não era má e, como almoçou ao balcão, teve algum tempo para falar com a irmã mais nova. Esta conseguia sempre pô-lo bem-disposto e

ele voltou para o escritório apreciando o dia ensolarado e ventoso. Tê-lo-ia apreciado mais se não se tivesse encontrado com Derrick Napper, o seu inimigo de infância, quando o agora delegado Napper saía do barbeiro.

— Olha, caramba, é o O'Dell. — Napper pôs os óculos escuros, olhou um e outro lado da rua. — Engraçado, não vejo nenhuns potenciais clientes para esfolares.

— Fizeram-te esse corte de cabelo em saldos? Parece-me que, mesmo assim, pagaste de mais.

O sorriso de Napper espalhou-se levemente na sua cara dura e quadrada.

— Ouvi dizer que estavas no local da ocorrência ontem, quando houve problemas na praça. Não ficaste lá para prestar declarações, nem foste à esquadra preencher um relatório como testemunha. Sendo o legalista da cidade, devias saber que tinhas de o fazer.

— Estás enganado, o que não é novidade nenhuma. Passei por lá esta manhã e falei com o chefe. Não me parece que ele conte tudo aos seus lambe-botas.

— Devias lembrar-te de quantas vezes as minhas botas já acertaram no teu rabo, O'Dell.

— Lembro-me de muitas coisas. — Fox prosseguiu o seu caminho. Uma vez que se é um cabrão, é-se um cabrão a vida toda. Antes de os Sete acabarem, calculava que voltariam a pegar-se os dois. De momento, decidiu tirar aquilo da cabeça.

Tinha trabalho a fazer e, ao abrir a porta do escritório, admitiu que precisava de preparar um caminho. O melhor era fazê-lo imediatamente.

Quando entrou, Layla avançava para a receção segurando uma jarra de flores que Alice Hawbaker gostava de ter na secretária. Imobilizou-se.

— Estive a mudar-lhes a água. Ninguém telefonou enquanto estiveste fora, mas terminei o fideicomisso e imprimi-o. Está na tua secretária.

— Muito bem. Ouve, Layla...

— Não sabia bem se havia alguma coisa para escrever no computador em relação ao senhor Edwards, ou...

— Está bem, está bem, pousa as flores. — Resolveu o assunto tirando-lhe a jarra das mãos e colocando-a em cima da mesa.

— Na verdade, as flores são para pôr...

— Para. Eu estava fora de mim e peço desculpa.

— Já pediste.

— Peço desculpa novamente. Não quero que te sintas desconfortável por termos no escritório uma situação estranha de patrão-empregada, e atirei-me a ti. Não tinha intenção... A tua boca estava mesmo ali.

— A minha boca estava mesmo ali? — O tom dela mudou de

envergonhado para perigosamente doce. — Queres dizer, na minha cara, debaixo do meu nariz e por cima do meu queixo?

— Não. — Fox coçou o centro da testa com os dedos. — Sim, mas não. A tua boca estava... Esqueci-me de não fazer aquilo que fiz, que foi completamente desapropriado dadas as circunstâncias. E vou começar a requerer a Quinta Emenda dentro de um minuto, ou talvez alegue insanidade temporária.

— Podes fazer o que quiseres, mas talvez queiras considerar que a minha boca, que estava mesmo ali, não formava palavras como *não*, ou *para*, ou *tira as mãos de cima de mim*. O que é perfeitamente capaz de fazer.

— Está bem. — Ele ficou calado por um momento. — Isto é muito embaraçoso.

— Antes ou depois de acrescentarmos a tua mãe?

— Assim, passa de embaraçoso a patético. — Fox meteu as mãos nos bolsos. — Devo acreditar que não vais arranjar um advogado e processar-me por assédio sexual?

Ela inclinou a cabeça.

— Devo acreditar que não vais despedir-me?

— Voto sim para ambas as perguntas. Então, está-se bem aqui?

— Otimamente.

Ela pegou na jarra e levou-a para a secretária certa.

— A propósito, encomendei tinteiros para a impressora. — Relanceou-o, os lábios curvados num pequeno sorriso.

— Boa ideia. Estarei... — Apontou o seu gabinete.

— E eu... — Apontou a secretária.

— Muito bem. — Ele encaminhou-se para as traseiras. — Muito bem. — Depois, olhou para o armário. — Oh, caramba!



## QUATRO

**A**s dezasseis e quarenta e cinco, Fox conduziu o último cliente à porta. Lá fora, março empurrava finas folhas castanhas ao longo do passeio, e um par de miúdos de capuz na cabeça caminhavam de encontro ao vento. Provavelmente, dirigiam-se à sala de jogos do clube de bólingue, pensou. Iam fazer um ou dois jogos antes do jantar.

Houvera um tempo em que também ele desafiara o vento para ir fazer um ou dois jogos de *Galaxia*. De facto, recordou, ainda na semana anterior o fizera. Se isso fazia com que parecesse ter doze anos, que assim fosse. Algumas coisas não deviam mudar.

Ouviu Layla falar ao telefone, informando alguém de que o senhor O'Dell estaria no tribunal no dia seguinte, mas podia marcar uma reunião mais para o fim da semana.

Quando voltou para dentro, ela introduzia a informação no computador, provavelmente na agenda, à sua maneira eficiente. Do ponto onde se encontrava, podia ver-lhe as pernas pela abertura da secretária, e a maneira como batia com um pé no chão enquanto trabalhava. A prata que usava nas orelhas cintilou quando ela se virou para desligar o telefone, e depois lhe encontrou o olhar. E os músculos da barriga de Fox estremeeceram.

Definitivamente, naquela questão em particular, não tinha doze anos. Graças a Deus, algumas coisas mudavam.

Deve ter sido o sorriso pateta no seu rosto que a fez inclinar a cabeça para ele.

— Que foi?

— Nada. Só um pouco de filosofia interna. Esse telefonema era importante?

— Não é urgente. Tem a ver com uma sociedade: duas mulheres que estão a escrever uma série de livros de cozinha que, julgam elas, hão de ser *best-sellers*. Vão dar cabo da Rachael Ray, disseram-me. Querem formalizar a colaboração antes de atingirem a celebridade. Esta semana tens uma agenda atarefada.

— Nesse caso, devo ter dinheiro para comprar comida chinesa para o jantar, se ainda estiveres interessada.

— Só preciso de encerrar aqui o dia.

— Força. Eu vou fazer o mesmo. Podemos subir pela cozinha.

No seu gabinete, Fox encerrou o computador, pôs a pasta ao ombro e tentou recordar-se do estado do seu apartamento.

Percebeu que lidava com outra área em que continuava a ter doze anos.

Era melhor não pensar nisso, decidiu, já que era demasiado tarde para fazer alguma coisa. Além disso, também não podia estar assim tão mal.

Entrou na cozinha onde a senhora Hawbaker tinha a máquina de café, o micro-ondas, os pratos que considerava apropriados para servir os clientes. Sabia que ela guardava ali bolachas, porque as pilhava com regularidade. Também guardava ali jarras e elegantes latinhas de chá.

Quem compraria as bolachas quando a senhora H. o abandonasse? Nostálgico, virou-se quando Layla entrou.

— Ela compra os mantimentos com a receita do pote da palavra começada por *f*, que está no meu gabinete. Costumo mantê-la bem recheada. Calculo que te tenha contado.

— Um dólar por cada vez que dizes essa palavra, sistema de honra. Já vi o pote, e diria que usas a palavra com prodigalidade e honras o teu compromisso. — *Ele está tão triste*, pensou, e teve vontade de o mimar, acariciar-lhe a mata de cabelo ondulante. — Sei que vais sentir a falta dela.

— Talvez ela volte. Seja como for, a vida continua. — Abriu a porta que dava para as escadas. — Também te posso dizer que, visto a senhora H. não tratar do meu apartamento e, na verdade, se recusar a subir até lá desde um infeliz incidente relacionado com roupa suja num dia em que me deixei dormir, deve estar uma confusão.

— Já vi confusões antes.

Porém, quando subiu da cozinha do escritório, tão arrumada, para a cozinha pessoal de Fox, percebeu que subestimara a palavra confusão.

Havia pratos no lava-louça, na bancada e na mesinha, que também estava coberta de jornais, aparentemente de vários dias. Um par de caixas de cereais (era verdade que os homens adultos comiam mesmo *Cocoa*

*Puffs?*), pacotes de batatas fritas, uma garrafa de vinho tinto, alguns frascos de condimentos e uma garrafa vazia de *Gatorade* competiam por espaço na pequena bancada, ao lado de um frigorífico forrado de papelinhos com recados e fotografias.

Havia três pares de sapatos no chão, um casaco velho nas costas de uma das duas cadeiras e uma pilha de revistas empoleirada na outra.

— Talvez queiras sair por uma hora, ou mesmo uma semana, enquanto eu arrumo isto.

— Não, não. O resto da casa também está assim tão mal?

— Não me lembro. Posso ir ver. . .

Mas ela já saltava por cima dos sapatos para entrar na sala de estar.

Não estava assim tão mal, pensou ele. Nem por isso. Tentando ser proativo, passou ao lado dela e começou a recolher os detritos.

— Vivo como um porco, eu sei. Já mo disseram antes. — Encafuou uma pilha de roupas soltas no armário desarrumado do vestíbulo.

A perplexidade notava-se na expressão e na voz dela.

— Porque não contratas uma empregada, alguém que venha aqui uma vez por semana e cuide disto?

— Porque elas fogem e não voltam nunca mais. Olha, vamos jantar fora. — Não foi tanto o embaraço — afinal, era a sua casa — quanto o medo de ouvir um sermão, que o fez tirar uma garrafa de cerveja vazia e uma tigela meio cheia de pipocas de cima da mesinha de café. — Arranjaremos um restaurante simpático e higiénico.

— Partilhei um quarto com duas raparigas, na universidade. No fim do semestre tive de contratar uma empresa de desinfestação. — Layla tirou um par de meias de cima de uma cadeira antes que ele pudesse ali chegar, depois entregou-lhas. — Mas, se houver um copo limpo, sou capaz de beber um pouco desse vinho.

— Posso pôr um num esterilizador.

Foi recolhendo mais tralha no caminho até à cozinha. Curiosa, Layla olhou em volta, procurando ver para além da desordem. As paredes, na verdade, eram de um bonito tom de verde-sálvia, um tom quente que destacava as molduras em carvalho das janelas. Uma fantástica tapeçaria que devia ter sido aspirada em qualquer momento da última década espalhava-se sobre um soalho de tábuas largas, de uma madeira escura. A arte que adornava as paredes era linda — aguarelas, desenhos a tinta, fotografias. A sala era dominada por um enorme ecrã plano e uma série de componentes, mas havia algumas cerâmicas muito bonitas.

Calculou que tivessem sido feitas pelo irmão ou pela mãe. Fox já lhe mostrara da estrada a loja de cerâmica do irmão mais novo. Virou-se quando sentiu Fox voltar.

— Adoro os quadros e as cerâmicas. Esta peça. — Passou um dedo ao longo de uma garrafa longa e esguia, em tons etéreos de azul. — É tão fluida.

— Foi a minha mãe que a fez. O meu irmão, Ridge, fez a tigela que está na mesinha por baixo da janela.

Layla foi ver.

— É linda. — Percorreu o rebordo delicado com o dedo. — E as cores, as formas que têm. É como uma floresta numa chávena grande. — Ela virou-se para aceitar o copo de vinho. — E os quadros?

— São da minha mãe, do meu irmão, da minha cunhada. As fotografias são da Sparrow, a minha irmã mais nova.

— Há muito talento na tua família.

— E também há os advogados, eu e a minha irmã mais velha.

— Praticar Direito não requer talento?

— Algum.

Ela bebeu um pouco de vinho.

— O teu pai é carpinteiro, não é?

— Carpinteiro, marceneiro. Foi ele que fez a mesa onde está a tigela do Ridge.

— Fez a mesa. — Agachou-se para a ver melhor. — Imagina só.

— Não levou pregos nem parafusos. É tudo encaixado. Tem mãos mágicas.

Layla passou um dedo pela superfície, através da poeira.

— O acabamento parece seda. Tens coisas lindas. — De sobranceiras erguidas, limpou o dedo à manga da camisa de Fox. — Sou obrigada a dizer que devias cuidar melhor delas e do seu ambiente.

— Não és a primeira. O melhor é distrair-te com comida. — Entregou-lhe uma ementa em papel. — É do restaurante chinês.

— É um pouco cedo para jantar.

— Ligo agora e peço para entregarem às sete. Assim poderemos trabalhar um pouco.

— Porco agridoce — decidiu, depois de dar uma olhadela à ementa.

— Só isso? — perguntou quando ela lhe devolveu o papel. — Lamentável. Porco agridoce. Eu cuido do resto.

Voltou a deixá-la sozinha para ir telefonar. Alguns minutos depois, ela ouviu o barulho de água a correr, pratos a baterem uns nos outros. Revirando os olhos, entrou na cozinha, onde ele atacava a louça.

— Muito bem. — Layla tirou o casaco.

— Não. A sério.

— Sim. — Arregaçou as mangas. — A sério. É só hoje, já que vais pagar o jantar.

— Devo pedir desculpa outra vez?

— Desta vez, não. — Ela ergueu as sobrancelhas. — Não tens máquina de lavar louça?

— Não, estás a ver, esse é o problema. Estou sempre a pensar que devia tirar dali aquele armário e pôr uma máquina de lavar, mas depois penso que é só para mim, e uso quase sempre pratos de papel.

— Não o suficiente. Terás algures um pano de cozinha limpo?

— Oh! Bem... — Franziu o sobrolho, confuso. — Volto já.

Abanando a cabeça, Layla aproximou-se do lava-louça que ele abandonara e atirou-se ao trabalho. Não se importava. Era uma tarefa que não requeria que pensasse, estranhamente relaxante e satisfatória. Além disso, a janela por cima do lava-louça tinha uma bela vista, espalhando-se até às montanhas onde a luz do Sol iluminava os cumes prateados.

O vento continuava a sacudir as árvores e enfunava os lençóis brancos que secavam num pátio lá em baixo. Layla imaginava os lençóis a serem postos na cama, cheirando a vento e a montanhas.

Um rapazinho e um grande cão preto corriam em volta de um pátio cercado, num galope tão alegre e enérgico que ela quase conseguia sentir o vento nas bochechas e a agitar-lhe o cabelo. Quando o menino, com o seu casaco azul vivo saltou para o baloiço, apertando as correias com os dedos, sentiu no próprio estômago o arrepio da altura e da velocidade.

Estará a mãe dele na cozinha, a fazer o jantar?, perguntou-se, sonhadora. Ou talvez seja a vez de o pai cozinhar. Melhor ainda, estão a cozinhar juntos, a mexer, a cortar, comentando o seu dia, enquanto o menino ergue o rosto para o vento e voa no baloiço.

— Quem diria que lavar a louça podia ser tão *sexy*?

Ela riu e olhou para Fox por cima do ombro.

— Não esperes que isso me convença a repetir o favor.

Fox imobilizou-se, com um pano da louça muito enrugado na mão.

— O quê?

— Lavar a louça só é *sexy* quando não és tu que tens as mãos na água cheia de detergente.

Ele avançou e pousou-lhe uma mão no braço.

— Eu não disse isso em voz alta.

— Eu ouvi-te.

— Parece que sim, mas eu estava a pensar e não a falar. Estava distraído — continuou quando ela deu um passo para se afastar — pela tua aparência, pela maneira como a luz te batia no cabelo, a linha das tuas costas, a curva dos teus braços. Estava distraído — repetiu. — E aberto. E tu, Layla? Não penses, não analyses. Diz-me só o que sentias quando me «ouviste».

— Sentia-me relaxada. Observava o rapazinho no baloiço. Estava relaxada.

— Agora não estás. — Ele pegou num prato e começou a limpá-lo. — Aguardaremos até que estejas.

— Tu podes fazer isso comigo? Ouvir o que estou a pensar?

— As emoções são mais fáceis que as palavras. Mas não o farei, a não ser que me deixes.

— Podes fazer isso com toda a gente.

Fox olhou-a nos olhos.

— Mas não o faço.

— Porque és o tipo de homem que põe um dólar num pote mesmo que ninguém te tenha ouvido dizer um palavrão.

— Quando dou a minha palavra, mantenho-a.

Ela lavou mais um prato. Tinha-se dissolvido o encanto dos lençóis a baterem ao vento e o do rapazinho com o seu grande cão.

— Conseguiste sempre controlar isso e resistir à tentação?

— Não. Tinha dez anos quando isto começou. Durante os primeiros Sete, foi muito assustador e não o consegui controlar. Mas ajudou-me. Quando esses primeiros Sete terminaram, pensei que o dom desaparecera.

— Mas não.

— Não. Era muito fixe ter dez anos e perceber o que as pessoas pensavam ou sentiam. Era uma coisa grandiosa, e não era só por pensar que tinha uma espécie de superpoder. Era grandioso, por exemplo, quando eu queria ter boa nota num teste de História e o melhor aluno dessa disciplina estava mesmo ali, na fila seguinte. Porque não chegar lá, obter as respostas?

Já que estava a limpar pratos, Fox decidiu dar o passo seguinte e arumá-los. Ela ficaria mais calma se mantivessem todas as mãos ocupadas.

— Depois de algumas experiências, de alguns êxitos, comecei a sentir-me culpado. E estranho, porque podia espreitar a cabeça de um professor e saber o que planeava perguntar-nos. E ficava a saber coisas que não eram da minha conta. Problemas em casa, por exemplo. Fui educado no respeito pela privacidade e dei por mim a invadi-la a torto e a direito. Por isso parei. — Fez um sorriso breve. — A maior parte do tempo.

— É bom que não sejas perfeito.

— Levei tempo a perceber como lidar com isto. Por vezes, se não estivesse com muita atenção, as coisas introduziam-se na minha mente. Mas, outras vezes, era deliberado. Houve uns quantos incidentes com aquele imbecil que gostava de me chatear. E... quando era um pouco mais velho, acontecia com as raparigas. Dava uma espreitadela e talvez pudesse ver se tinha possibilidades de lhes tirar a blusa.

— Funcionava?

Ele limitou-se a sorrir e arrumou um prato no armário.

— Depois, umas semanas antes de fazermos dezassete anos, as coisas começaram outra vez a acontecer. Eu soube, nós soubemos, que afinal nada terminara. Compreendi que o dom que possuía não era para brincar. E parei.

— A maior parte do tempo?

— Quase completamente. Isto existe, Layla, é parte de nós. Não posso controlar o facto de poder receber uma sensação de alguém. Mas posso controlar o quanto entro na cabeça dos outros, quanta informação devo extrair.

— É isso que tenho de aprender.

— E talvez tenhas de aprender a introduzir-te nos outros. Se se tratar da vida privada dessa pessoa, ou das vidas de outros, tens de te introduzir.

— Mas como sabes quando — quando, se e quem?

— Trabalharemos isso.

— Quase nunca me sinto relaxada ao pé de ti.

— Já reparei. Porque acontece isso?

Layla virou-se para procurar mais louça, introduziu uma tigela na água. Notou que o rapazinho já fora para dentro, provavelmente para jantar. O cão enrolara-se no alpendre junto da porta das traseiras e dormia, cansado da brincadeira.

— Porque tenho consciência de que podes, ou poderias, sentir o que eu penso ou sinto. Ou preocupa-me que o possas fazer, e fico nervosa. Mas não o fazes, porque te retrais ou porque eu estou suficientemente nervosa para to impedir. Talvez sejam ambas as coisas. Hoje, quando me beijaste, não sabias o que eu estava a sentir nem a pensar.

— Os meus circuitos, nessa altura, não estavam a funcionar.

— Seria exato dizer que nos sentimos atraídos um pelo outro?

— Pela parte que me toca, é exato.

— Isso põe-me nervosa. Também é confuso, porque não sei o quanto estamos a receber um do outro ou quanto é apenas química básica. — Layla enxaguou a tigela e passou-a a Fox. — Não sei se devíamos lidar com isto, juntamente com tudo o resto com que temos de nos preocupar.

— Voltemos um pouco atrás. Estás nervosa porque eu me sinto atraído por ti, ou porque nos sentimos atraídos um pelo outro?

— Porta número dois, e não tenho de te ler a mente, posso ver na tua expressão que a ideia te agrada.

— Foi a melhor ideia que ouvi em semanas, ou talvez anos.

Quando Fox começou a inclinar-se para ela, Layla travou-o com uma mão molhada e cheia de espuma.

— Não consigo relaxar se pensar que vou estar contigo. A ideia do sexo, normalmente, deixa-me agitada.

— Podemos relaxar depois. Na verdade, posso garantir que estaremos muito mais relaxados depois de concluirmos a parte da agitação.

Desta vez ela não se limitou a manter a mão encostada ao peito dele, mas obrigou-o a dar um passo atrás.

— Sem dúvida. Mas eu compartimento as coisas. É assim que sou, é assim que funciono. O que se passa entre nós, para já, tenho de o pôr noutra compartimento. Tenho de pensar nisto, de me preocupar com isto, de me questionar acerca disto. Se vou aprender contigo, se vou ajudar a acabar com aquilo que quer acabar connosco, preciso de me concentrar nisso.

De expressão sóbria e atenciosa, ele assentiu com a cabeça.

— Gosto de fazer malabarismo.

— Eu sei.

— E gosto de negociar. E... — Ele limpou-lhe a mão e levou-a aos lábios. — Sei quando tenho de deixar a outra parte considerar todas as opções. Eu quero-te. Nua. Na cama, num quarto cheio de sombras e música suave. Quero sentir o teu coração bater de encontro à minha mão enquanto te faço coisas. Põe isto num dos teus compartimentos, Layla. — Largou o pano da louça e ela ficou a olhá-lo. — Vou buscar o teu vinho. Talvez te ajude a relaxar um pouco antes de começarmos a trabalhar.

Layla continuava a fitá-lo quando ele saiu da cozinha. Conseguiu encostar uma mão ao coração e, sim, este batia.

Obviamente, tinha muito a aprender, se o homem sentia aquilo por ela sem que se tivesse apercebido.

Seria necessário mais que um copo de vinho tinto para a ajudar a relaxar.

Bebeu o vinho enquanto Fox tirava as coisas de cima da mesa da cozinha. Serviu-lhe outro copo de vinho. Como ela não pronunciasse palavra, ele deu espaço ao seu silêncio e aos seus pensamentos, até se sentar.

— Muito bem, sabes meditar?

— Conheço o conceito. — Notava-se-lhe uma ligeira irritação, mas Fox não se importou.

— Tens de te sentar para podermos começar. O que se passa com a meditação — começou ele quando Layla se instalou — é que a maioria das pessoas não consegue atingir o ponto em que, de facto, desliga a mente, deixa de pensar no trabalho ou na consulta no dentista, ou na dor ao fundo das costas. Seja o que for. Mas podemos chegar perto. Respiração de ioga, usar a respiração. Fechar os olhos, visualizar uma parede branca...



— E entoar «ommmm». Como é que isso me vai ajudar? Não posso andar por aí em estado meditativo.

— É para te ajudar a limpares-te depois. Para te ajudar a, pareço a minha mãe, limpar a tua mente, a tua aura, equilibrar o teu *chi*.

— Por favor.

— É um processo, Layla. Até agora, tu só roçaste a superfície, ou mergulhaste um dedo do pé nisto. Quanto mais profundamente entrares, mais isto exige de ti.

— Por exemplo?

— Se fores demasiado fundo durante demasiado tempo, tens dores de cabeça, náuseas, sangramento do nariz. Pode magoar-te. Pode esgotar-te.

Ela franziu o sobrolho, depois percorreu com o dedo o rebordo do copo.

— Quando estivemos no sótão da biblioteca antiga, a Quinn teve um *flashback* da Ann Hawkins. E voltou muito abalada. Com uma forte dor de cabeça, náuseas, com suores frios. — Layla encheu as bochechas de ar. — Bem, sou péssima com a meditação. Quando terminamos com a posição de cadáver na aula de ioga, sinto-me relaxada, mas já estou a pensar no que vou fazer a seguir, ou se devo comprar aquele casaco de pele maravilhoso que recebemos na loja. Mas hei de praticar. Posso praticar com a Cybil.

*Porque a Cybil é mais inofensiva do que eu*, pensou Fox, sem fazer comentários.

— Muito bem, vamos manter-nos apenas à superfície, para já. Relaxa, remove a tralha que tens na cabeça, como quando estavas a lavar a louça.

— É mais difícil quando é deliberado. Os pensamentos querem aparecer.

— É verdade. Por isso, compartimenta — sugeriu-lhe com um sorriso fácil. — Põe cada pensamento no seu sítio e afasta-os. Olha para mim. — Ele moveu a mão para a pousar na dela. — Simplesmente, olha para mim. Concentra-te em mim. Tu conheces-me.

Layla sentiu-se um pouco estranha, como se o vinho lhe tivesse subido diretamente à cabeça.

— Não te compreendo.

— Isso virá. Olha para mim. É como abrir uma porta. Roda a maçaneta, Layla. Põe a tua mão na maçaneta e roda-a, abre a porta, só alguns centímetros. Olha para mim. Que estou a pensar?

— Esperas que eu não coma os crepes todos. — Ela *sentiu* o seu humor, como uma quente luz azul. — Foste tu que fizeste isto.

— Fomos nós. Mantém-te à porta. Mantém-te concentrada. Abre só um pouco mais e diz-me o que estou a sentir.

— Eu... calma. Estás tão calmo. Não sei como consegues. Acho que

nunca me sinto assim tão calma, e agora, com o que está a acontecer e já aconteceu, não sei se algum dia voltarei a estar verdadeiramente calma. Além disso... tens um pouco de fome.

— Fiz de conta que comia a maior parte da salada de beringela ao almoço. Foi por isso que encomendei...

— Carne Kung Pao, ervilhas, massa fria, uma dúzia de rolinhos de ovos, crepes. Uma dúzia de rolinhos de ovos?

— Se sobrarem, são bons para o pequeno-almoço.

— É repugnante. E agora estás a pensar que eu também era boa para o pequeno-almoço — acrescentou, tirando a mão de debaixo da dele.

— Desculpa, escapou-se-me. Estás bem?

— Com a cabeça um bocadinho oca, um pouco tonta, mas bem. Contudo, será mais fácil contigo, não é? Porque tu sabes como trabalhar isto. Como trabalhar-me.

Pegando na cerveja que abandonara, ele recostou-se na cadeira.

— Uma mulher entra na loja que gerias em Nova Iorque. Está só a ver. Como sabes para onde a dirigir, como trabalhá-la?

— Satisfazê-la — corrigiu Layla. — Não trabalhá-la. Em parte, seria pelo seu aspeto: a idade, a maneira como está vestida, o estilo da mala e dos sapatos. São aspetos superficiais, que podem conduzir numa direção errada, mas são um começo. E eu cresci neste negócio, por isso tenho uma boa noção do género de clientes.

— Mas aposto que, nove vezes em cada dez, sabias quando devias ir buscar a mala de pele chamativa ao armazém, ou conduzi-la à mala preta clássica. Se a cliente pedisse um fato para usar no escritório, tu percebias se o que ela queria mesmo era um vestidinho *sexy* e um par de sapatos daqueles que gritam «fode-me».

— Eu tinha muita experiência a ler... Sim. — Soltou um suspiro de irritação consigo mesma. — Não sei porque continuo a resistir. Sim, era frequente eu sintonizar-me com as clientes. A patroa dizia que era o meu toque de magia. Acho que não andava longe da verdade.

— Como o fazias?

— Quando estou a atender uma cliente, estou concentrada no que ela quer, no que gosta... e, sim, no que lhe posso vender. É preciso ouvir o que diz, além de atentar na linguagem corporal, e também no meu sentido do que lhe ficaria bem. Por vezes, e eu sempre achei que isto era um instinto, concebo uma imagem mental do vestido ou dos sapatos. Achava que se tratava de ler nas entrelinhas do que as clientes diziam quando as punha a tagarelar, mas ouvia uma vozinha. Talvez fossem os seus pensamentos, não tenho a certeza.

Ela começava a aceitar o que tinha dentro de si, pensou Fox.

— Tu tinhas confiança no que fazias, estavas segura do teu terreno, o que também é uma forma de relaxamento. E importavas-te. Querias arranjar-lhes o que procuravam, ou o que lhes ficava bem, fazê-las felizes. E vender. Certo?

— Acho que sim.

— É o mesmo programa num canal diferente. — Fox procurou no bolso e tirou algumas moedas. Escondeu-as na palma da mão e contou-as. — Quanto tenho aqui?

— Eu...

— A quantia está na minha mente. Abre a porta.

— Santo Deus. Espera. — Ela bebeu primeiro mais um trago de vinho. Tinha demasiadas coisas na sua própria cabeça, percebeu Layla. Precisava de as afastar. — Não me ajudes — interrompeu quando ele ia pegar-lhe na mão. — Não me ajudes.

*Afasta os pensamentos, repetiu para si mesma. Limpa tudo. Relaxa. Concentra-te.* Porque pensava Fox que ela podia fazê-lo? Porque tinha tanta certeza? Porque é que havia tantos homens com pestanas tão maravilhosas? *Ups!* Nada de viagens à margem. Fechou os olhos, visualizou a porta. — Um dólar e trinta e oito. — Escancarou os olhos. — Uau!

— Bom trabalho.

Deu um salto quando bateram à porta.

— É o rapaz das entregas. Faz-lho a ele.

— O quê?

— Enquanto eu falo com ele e lhe pago, lê-o.

— Mas isso é...

— Grossoiro e intrusivo, claro. Sacrifiquemos a cortesia em nome do progresso. Lê-o — ordenou Fox, levantando-se para ir abrir a porta. — Olá, Kaz, como vai isso?

O rapaz tinha cerca de dezasseis anos, calculou Layla. Calças de ganga, camisola, botas *Nike* de aspeto novo. Cabelo castanho desmazelado, um pequeno aro de prata na orelha direita. Os seus olhos castanhos detiveram-se um momento nela, enquanto os sacos e o dinheiro trocavam de mãos.

Layla inspirou profundamente e entreabriu a porta.

Fox ouvia-a fazer um som atrás dele, algo entre arfar e resfolegar. Continuou a falar e, enquanto dava a gorjeta, fez um comentário sobre basquetebol.

Depois de fechar a porta, colocou os sacos em cima da mesa. — Então?

— Ele acha que tu és fixe.

— E sou.

— E acha que eu sou gira.

— És.

— Perguntou-se se teria direito a comer alguma coisa esta noite e pensou que ele não se importaria de provar. E não estava a pensar nos rolinhos de ovo.

Fox abriu os sacos.

— O Kaz tem dezassete anos. Um rapaz dessa idade está quase sempre a pensar em comer alguma coisa. Dói-te a cabeça?

— Não. Foi fácil. Mais fácil que contigo.

Ele sorriu-lhe.

— Os rapazes da minha idade também pensam em comer alguma coisa. Mas normalmente sabem quando terão de se contentar com rolinhos de ovo. Vamos comer.

Fox não tentou beijá-la novamente, nem quando a levou a casa. Layla não sabia dizer se ele pensara nisso, e decidiu que era melhor assim. Os seus próprios pensamentos e sentimentos eram um emaranhado de nós, o que a fez levar a sério a recomendação de Fox acerca de experimentar a meditação.

Encontrou Cybil no sofá da sala, com um livro e um chá.

— Olá. Que tal correu?

— Correu bem. — Layla deixou-se cair numa cadeira. — Surpreendentemente bem. Na verdade, sinto-me um pouco confusa. Como se tivesse emborcado um par de uísques.

— Queres chá? Há mais no bule.

— Pode ser.

— Vou buscar-te uma chávena — disse Cybil quando Layla começou a levantar-se. — Pareces exausta.

— Obrigada. — Fechando os olhos, Layla tentou a respiração de ioga e visualizar o relaxamento a partir dos dedos dos pés. Chegara aos tornozelos quando desistiu. — O Fox diz que eu devo meditar — contou a Cybil quando esta voltou com uma chávena e um pires muito elegantes. — A meditação aborrece-me.

— É porque não a fazes corretamente. Bebe primeiro o chá — disse-lhe, servindo-a. — E diz o que tens na mente, é a melhor maneira de o tirares de lá e poderes meditar.

— Ele beijou-me.

— Estou impressionada e fascinada. — Cybil entregou a chávena a Layla e voltou a sentar-se no sofá, com as pernas encolhidas. Deu uma gargalhada despreocupada quando Layla lhe franziu o sobrolho. — Querida, o homem tem aqueles olhos de raposa fixos em ti o tempo todo. Observa-te a sair da sala, a voltar. Está apanhadíssimo.

— Ele disse... Onde está a Quinn?

— Com o Cal. O Irreverente arranjou um jogo de cartas, por isso, para variar, a casa do Cal está vazia. Estão a aproveitar.

— Ah, que bom para eles. São fantásticos juntos, não são? Estão sempre a fazer clique.

— Não há dúvida de que o Cal é o tipo certo para ela. Todos os outros que experimentou eram como cerveja sem álcool.

— Cerveja sem álcool?

— Quase amor. O Cal é o produto verdadeiro. É mais fácil falar deles que de ti?

Layla suspirou.

— É confuso sentir-me assim. Senti-lo assim, e tentar não o sentir a senti-lo. Porque fica ainda mais confuso. Acrescenta o facto de trabalharmos juntos a vários níveis, e isto cria uma espécie de intimidade que tem de ser respeitada e até mesmo protegida, porque o que está em jogo é muito elevado. Se misturarmos isto com a intimidade física ou emocional de uma relação e com o sexo, como é que se mantém o mínimo de ordem necessária para fazer o que estamos todos aqui para fazer?

— Caramba. — De lábios curvados, Cybil bebeu um pouco de chá. — Isso é muito em que pensar.

— Eu sei.

— Tenta isto: simples e direto. O Fox excita-te?

— Oh, caramba, sim! Mas...

— Não, nada de restrições. Nada de análises. A luxúria é uma coisa elementar, potente, revigorante. Desfruta-a. Quer faças alguma coisa, quer não, põe-te o sangue a mexer. Depois poderás acrescentar o resto. Terás de o fazer. És humana e és mulher. Nós temos de interpretar as emoções e as preocupações, as consequências. Mas aproveita a ocasião e aprecia o momento. — Os olhos negros de Cybil cintilavam de humor. — Desfruta da luxúria.

Layla meditou enquanto provava o chá.

— Pondo as coisas dessa forma, parece bastante bem.

— Quando acabares o chá, usaremos a tua luxúria como ponto de concentração para passar a um exercício de meditação. — Cybil sorriu por cima da chávena. — Não me parece que te vá aborrecer.

## CINCO

Layla começou por ter um ataque de riso quando Cybil lhe expôs a ideia de utilizar a luxúria como um trampolim para a meditação, mas acabou por achar que se saíra muito bem. Era melhor, sem dúvida, que o método de simulação que usava habitualmente nas aulas de ioga. Conforme instruída por Cybil, inspirou a luxúria — do umbigo à coluna — e expirou a tensão e o stress. Concentrou-se no «formigueiro na barriga», como Cybil descrevera, e apoderou-se dele.

Algues pelo meio do riso, da respiração e do formigueiro, atingiu um grau de relaxamento tão elevado que conseguiu ouvir a sua própria pulsação, algo que nunca lhe acontecera.

Dormiu profundamente e sem sonhos e acordou renovada. E, teve de o admitir, cheia de energia. Aparentemente, a meditação não tinha de a aborrecer mortalmente.

Como Fox estava em tribunal e Alice se ocupava do escritório, só precisava de ir trabalhar à tarde. Tempo, pensou ao tomar duche, para mergulhar na pesquisa com Cybil e Quinn e dedicar a sua energia à descoberta de mais respostas. Ainda não acrescentara o incidente na praça ao seu mapa, nem catalogara o sonho que partilhara com Fox.

Vestiu-se para a manhã com calças de ganga e uma camisola antes de escolher a roupa que vestiria à tarde, no seu papel de Layla-secretária. E isso, teve de admitir, era divertido. Era bom precisar de se vestir para trabalhar, planear e considerar o vestuário e os acessórios. Desde que saíra de Nova Iorque e antes de começar a trabalhar no escritório de Fox, estivera

ocupada, sem dúvida. Tivera de fazer ajustamentos de grandes proporções, de enfrentar obstáculos monumentais. Mas sentira a falta de trabalhar, de saber que alguém esperava que ela estivesse num determinado lugar, a determinada hora, para desempenhar tarefas específicas.

E, fútil ou não, sentira a falta de ter um motivo para usar um fantástico par de botas.

Ao sair do quarto para ir à cozinha beber café, ouviu alguém escrever no teclado do computador, no escritório que tinham instalado no quarto que lhes sobrara.

Quinn estava de pernas cruzadas, sentada na cadeira, a escrever no computador. Os longos cabelos loiros agitavam-se, presos num brilhante rabo-de-cavalo, enquanto ela abanava a cabeça ao som de uma qualquer música interna.

— Não sabia que tinhas voltado.

— Voltei. — Quinn bateu mais algumas letras, depois parou e olhou-a. — Passei pelo ginásio, dei cabo de umas centenas de calorias, estraguei tudo com um enorme bolo de mirtilos na pastelaria, mas acho que ainda tenho crédito, considerando o sexo estupendo e enérgico de que desfrutei a noite passada. Tomei café, tomei um duche e agora estou a bater os apontamentos da Cybil acerca do teu sonho. — Quinn espreguiçou-se. — E ainda me sinto capaz de correr a maratona de Boston.

— Deve ter sido sexo e peras!

— Oh, caramba! — Balançando o rabo em cima da cadeira, Quinn soltou a sua gargalhada sonora e obscena. — Sempre pensei que a história de o sexo ser melhor quando estás apaixonada era um exagero das novelas românticas. Mas sou uma prova viva e extraordinariamente satisfeita. Mas já chega de falar de mim. Como estás tu?

Se não tivesse acordado cheia de energia, pensou Layla, dois minutos junto de Quinn teriam conseguido o mesmo efeito.

— Embora não esteja extraordinariamente satisfeita, também me sinto bastante animada. A Cybil já se levantou?

— Está na cozinha, no ritual matinal de café e jornais. Passámos uma pela outra e ela grunhiu qualquer coisa acerca de teres feito progressos com o Fox ontem.

— Mencionou que estávamos com os nossos lábios colados, junto do armário do material, quando a mãe dele entrou?

Os brilhantes olhos azuis de Quinn arregalaram-se muito.

— A Cybil não foi muito coerente. Conta-me tu!

— Acabei de contar.

— Exijo pormenores.

— E eu exijo café. Já volto.

Outra coisa que lhe andava a fazer falta, pensou Layla. Divertir-se e falar de assuntos pessoais com amigas.

Na cozinha, Cybil mordiscava metade de um *bagel* e lia um jornal aberto em cima da mesa.

— Não fazem qualquer referência aos corvos no jornal de hoje — anunciou quando Layla entrou. — É extraordinário. Ontem fizeram uma breve referência, quase sem pormenores, e hoje não dão qualquer seguimento.

— É típico, não é? — Pensativa, Layla serviu-se de café. — Ninguém presta muita atenção ao que acontece aqui. E quando há reportagens ou alguém faz perguntas ou demonstra interesse, ninguém liga ou transforma-se em folclore popular.

— Mesmo as pessoas que passaram por isto, que vivem aqui, encobrem o que aconteceu. Ou, simplesmente, esquecem.

— Os que se lembram demasiado bem vão-se embora. — Layla decidiu-se por iogurte e tirou um. — Como a Alice Hawbaker.

— É fascinante. Também não há qualquer outra referência a ataques de animais ou ocorrências inexplicáveis. Pelo menos hoje. Muito bem. — Com um encolher de ombros ocioso, Cybil começou a dobrar o jornal. — Vou seguir um par de pistas muito vagas que poderão conduzir ao lugar onde a Ann Hawkins viveu nos dois anos que nos faltam. É extremamente irritante — acrescentou, levantando-se. — Não havia assim tanta gente por aqui em 1652. Porque não consigo encontrar quem quero?

Ao meio-dia, Layla fizera tudo o que pudera com as colegas de casa. Mudou de roupa, escolhendo umas calças cinzentas e botas de salto alto para a tarde no escritório.

De passagem, notou que as montras da loja de prendas tinham sido substituídas. O pai de Cal era um inquilino consciencioso, que ela sabia ter muito orgulho na sua cidade. E notou também o grande aviso, escrito à mão: «Liquidação total», pendurado na montra.

Era lamentável, pensou ao prosseguir. As vidas que as pessoas construíam, ou tentavam construir, desmoronando-se à sua volta sem que elas tivessem culpa alguma. Algumas deixavam-nas permanecer em ruínas, incapazes de encontrar esperança e vontade suficientes para as reconstruírem, outras arregaçavam as mangas e reconstruíam tudo.

Havia uma montra nova na Ma's Pantry e noutras casas e lojas. As pessoas, com os casacos bem fechados por causa do frio, iam e vinham, entravam e saíam. As pessoas ficavam. Viu um homem com um blusão de bombazina coçado, um cinto de ferramentas pendurado nas ancas, a



substituir a porta da livraria. No dia anterior, pensou, aquela porta estava vandalizada e as janelas partidas. Hoje estaria como nova.

As pessoas ficavam, pensou outra vez, e havia quem pegasse nas suas ferramentas para as ajudar a reconstruir.

Quando o homem se virou e encontrou o olhar dela, sorriu. O coração de Layla deu um pequeno pulo, tanto de prazer quanto de surpresa. Era o sorriso de Fox. Por momentos, julgou estar a alucinar, depois lembrou-se. O pai dele era carpinteiro. Era o pai de Fox quem estava a substituir a porta da livraria e a sorrir-lhe do outro lado da Main Street.

Ela acenou-lhe e continuou a andar. Que interessante, obter um vislumbre de como seria o aspeto de Fox B. O'Dell dali a vinte anos.

E o aspeto era fantástico.

Ainda ria para si mesma quando entrou no escritório de Fox para libertar Alice o resto do dia.

Com o escritório todo para si, pôs um CD a tocar e começou a executar o trabalho que Alice lhe deixara ao som de Michelle Grant, em volume baixo, que silenciava sempre que o telefone tocava.

Uma hora depois, tinha a secretária organizada e atualizara a agenda de Fox. Visto ainda considerar que aqueles eram os domínios de Alice, resistiu a passar mais uma hora a reorganizar à sua maneira o armário do material e as gavetas da secretária.

Em vez disso, tirou da mala um dos livros que apresentava a versão local da lenda da Pedra Pagã.

Conseguia vê-la mentalmente, impondo-se à clareira no bosque Hawkins. Erguendo-se, sombria e cinzenta, do chão queimado. Sólida, meditou, folheando o livro. Consistente e antiga. Não admirava que tivesse conquistado aquele nome, percebeu, pois parecera-lhe algo forjado pelos deuses para adorar o que quer ou quem quer que adorassem.

Um centro de poder, pensou, não no cume de uma montanha imponente, mas nos bosques sombrios e adormecidos.

Não havia nada de novo no livro que folheava — a pequena povoação puritana abalada por acusações de bruxaria, um incêndio trágico, uma tempestade súbita. Arrependeu-se de não ter levado antes um dos diários de Ann Hawkins, mas não se sentia confortável levando-os para fora de casa.

Pôs o livro de lado e tentou a Internet. Também aí não encontrou nada de novo. Lera, procurara e voltara a ler e não teve dúvidas de que, naquele aspeto, a Quinn e a Cybil eram melhores que ela. O seu forte era a organização, a ligação dos pontos uns aos outros de uma maneira lógica. De momento, não havia pontos novos para ligar.

Inquieta, levantou-se e foi à janela da frente. Precisava de algo para

fazer, uma tarefa definida, algo que lhe mantivesse as mãos e a mente ocupadas. Precisava de fazer alguma coisa. Já.

Virou-se com a intenção de telefonar a Quinn e pedir-lhe que lhe atribuísse uma tarefa, por mais insignificante que fosse.

E, de repente, a mulher estava junto da secretária, com as mãos entrelaçadas sobre a cintura. O seu vestido era cinzento, com saia e mangas compridas, de gola alta. Tinha o cabelo, dourado como o Sol, enrolado na nuca.

— Sei o que é estar impaciente, o que é estar inquieta — disse. — Nunca consegui ficar muito tempo sentada sem uma ocupação. Ele dizia-me que o descanso tinha um propósito, mas para mim era tão difícil esperar.

Fantasma, pensou Layla. Porque haveria um fantasma de lhe fazer saltar o coração quando momentos antes estivera a pensar em deuses?

— És a Ann?

— Tu sabes. Ainda estás a aprender a confiar em ti mesma e naquilo que te foi concedido. Mas tu sabes.

— Diz-me o que fazer, diz-nos o que devemos fazer para pôr fim a isto. Para o destruir.

— Está além dos meus poderes. Está mesmo além dos poderes dele, do meu amado. Sois vós quem tem de o descobrir, vós que sois parte disto, que sois parte de mim e dos meus.

— Existe maldade em mim? — Oh, como a possibilidade de que existisse lhe ardia nas entranhas. — Podes dizer-me isso?

— Será o que fizeres disso. Conheces a beleza do momento presente? De o segurar? — Tanto a dor como a alegria irradiavam do rosto e da voz de Ann. — Momento a momento, o presente move-se e muda. Assim deves tu fazer também. Se podes ver dentro dos outros, dentro dos seus corações e mentes, se consegues olhar e ver o que é real e o que é falso, não poderás também olhar para dentro de ti mesma para encontrar as respostas?

— Estamos no agora, mas estás apenas a dar-me mais perguntas. Diz-me para onde foste na noite anterior à do incêndio na Pedra Pagã.

— Vivi, como ele me pediu que fizesse. Dei à luz o que era precioso. Eles eram a minha fé, a minha esperança, a minha verdade, e foi o amor que os concebeu. Agora, a minha esperança és tu. Nunca deves perder a tua esperança, como ele nunca a perdeu.

— Quem? O Giles Dent? O Fox — percebeu Layla. — Referes-te ao Fox.

— Ele acredita na justiça das coisas, na sua retidão. — Agora Ann sorria, cheia de amor. — Esta é a sua grande força e a sua vulnerabilidade. Lembra-te, o demónio procura a fraqueza.

— Que posso eu... Raios! — Anne desaparecera e o telefone tocava. Tinha de escrever aquilo, pensou Layla correndo para a secretária. Cada palavra, cada pormenor. Agora sim, tinha alguma coisa para fazer.

Estendeu a mão para o telefone. E pegou numa serpente que silvava.

O grito irrompeu de dentro dela ao mesmo tempo que lançava para longe aquela massa sinuosa. Recuou, com mais gritos a borbulhar-lhe na garganta, e viu a serpente enrolar-se com os grandes olhos fendidos presos nela. Depois baixou a cabeça e começou a deslizar pelo chão na sua direção. Orações e súplicas competiram dentro da sua cabeça enquanto recuava na direção da porta. Os olhos da serpente ostentavam um brilho vermelho enquanto avançava, à velocidade de um relâmpago, para voltar a enroscar-se entre Layla e a saída. Ouvia a sua própria respiração demasiado rápida, em resfôlegos rápidos que lhe sufocavam a garganta. Ela queria virar-se e correr, mas receava demasiado virar as costas à serpente. Esta começou a desenrolar-se, um sinuoso centímetro após o outro e avançou, retorcendo-se.

Era maior agora? Oh, Deus, santo Deus. A sua pele era de um preto oleoso e ondulava ao avançar furtivamente pelo chão. Silvou com mais força quando Layla ficou encostada à parede. Quando não tinha mais para onde fugir.

— Tu não és real. — Mas a dúvida na sua voz era nítida, até mesmo para si própria. — Não és real — repetiu, lutando para conseguir respirar. — Olha para ela! — ordenou a si mesma. Se olhasse, veria, perceberia. — Tu não és real. Ainda não, cabrão! — Cerrando os dentes, afastou-se da parede. — Anda! Desliza, ataca, tu não és *real!* — Acompanhou a última palavra com uma forte pisadela com o tacão da bota no corpo preto e oleoso. Por um instante, sentiu substância, viu o sangue jorrar da ferida e ficou ao mesmo tempo horrorizada e enojada. Enquanto pisava com todas as suas forças, *sentiu* a sua fúria e, o que lhe deu mais satisfação, a sua dor.

— Pois, é verdade. Já te magoámos antes, e voltaremos a magoar-te. Vai para o inferno, tu...

A serpente atacou. Por um instante em que ficou completamente cega, foi ela quem sentiu a dor, que a obrigou a dobrar-se para a frente. Antes de poder voltar a endireitar-se para lutar, para se defender, a serpente desaparecera.

Ansiosa, levantou a perna das calças, procurando uma ferida. A pele estava ileso. A dor, pensou, arrastando-se até à mala, era uma ilusão. A coisa conseguia fazê-la sentir dor, tinha esse poder. Mas o seu poder não era suficiente para a ferir. As mãos tremiam-lhe ao tirar o telemóvel da mala.

Ele estava no tribunal, recordou-se. Fox estava no tribunal. Não podia ir ali, não podia ajudá-la. Remarcou o número de Quinn.

— Vem — conseguiu dizer quando esta atendeu. — Tens de vir. Depressa.

— Estávamos para sair quando ligaste — disse-lhe Quinn. — Não atendias, nem o teu telemóvel nem o telefone do escritório.

— O telefone tocou. — Layla sentou-se no sofá da receção. Conseguira normalizar a respiração e quase parara de tremer. — Tocou, mas, quando fui atender... — Aceitou a garrafa de água que Cybil lhe trouxera da cozinha. — Atirei-o para ali.

Quando ela apontou, Cybil aproximou-se da secretária.

— Ainda está aqui. — Levantou o telefone do carregador.

— Porque não cheguei a atendê-lo — disse Layla lentamente. — Não cheguei a pegar-lhe. Ele só me fez pensar que o fizera.

— Mas sentiste-o.

— Não sei. Ouvei-o. Vi-o. Acho que o senti. — Olhou para a mão e não conseguiu evitar um estremeção.

— Vem aí o Cal — anunciou Cybil olhando pela janela.

— Telefonámos-lhe — explicou Quinn, acariciando o braço de Layla.

— Achámos que era melhor reunir a cavalaria.

— O Fox está no tribunal.

— Muito bem. — Quinn, agachada diante de Layla, pôs-se de pé quando Cal entrou.

— Estão todas bem? Ninguém se magoou?

— Ninguém se magoou. — Com os olhos fixos em Cal, Quinn pôs uma mão no ombro de Layla. — Foi só um susto.

— Que aconteceu?

— Íamos agora falar disso. O Fox está no tribunal.

— Tentei ligar-lhe, mas cheguei ao correio de voz e não deixei mensagem. Achei que, se estivesse a conduzir, era melhor não saber que algo corria mal no escritório. O Gage vem a caminho. — Cal acariciou o braço de Quinn antes de se sentar ao lado de Layla.

— Que aconteceu aqui? Que te aconteceu?

— Tive visitas de ambas as equipas.

Contou-lhes a aparição de Ann Hawkins, detendo-se uma vez para Quinn ligar o gravador e outra quando Gage entrou.

— Disseste que a ouviste falar? — perguntou Cal.

— Tivemos uma conversa neste preciso lugar. Só eu e aquela mulher que morreu há três séculos.

— Mas ela falou mesmo?

— Eu já disse... Oh, oh! Sou mesmo estúpida! — Layla pôs a água de lado e esfregou os olhos. — Devia manter-me no momento, prestar atenção ao presente, e não o fiz.

— Deve ter sido cá uma surpresa, virares-te e veres uma morta junto da tua secretária — comentou Cybil.

— Estava aqui, ansiosa por ter alguma coisa que fazer, algo que me mantivesse ocupada e, bem, devemos ter cuidado com o que desejamos. Deixem-me pensar. — Fechou os olhos e tentou visualizar o episódio. — Foi na minha cabeça — murmurou. — Ouvi-a na minha cabeça, tenho quase a certeza. Digamos que tive uma conversa telepática com uma morta. Isto está cada vez melhor.

— Parece que, da parte dela, foi mais uma conversa para te animar — comentou Gage. — Não te transmitiu verdadeira informação, só veio dar ânimo à equipa.

— Talvez fosse isso que eu precisava de ouvir, porque o ânimo pode ter virado a maré quando surgiu o outro visitante. O telefone tocou. Devias ser tu — disse para Quinn. — E então...

Interrompeu-se quando a porta se abriu e Fox entrou.

— Parece que estão a dar uma festa e não me... Layla... — Atravessou a sala tão depressa que Quinn teve de dar um salto para trás para não ser abalroada. — Que aconteceu? — Segurou-lhe ambas as mãos. — Uma serpente? Caraças! Não estás ferida. — Levantou-lhe as pernas das calças antes de ela poder responder.

— Para. Não faças isso. Não estou ferida. Deixa-me contar-te. Não me leias a mente dessa maneira.

— Desculpa, não me parece o momento para protocolos. Estavas sozinha. Podias ter...

— Para — ordenou ela e libertou as mãos com a mesma deliberação com que tentou impedir-lhe o acesso à sua mente. — Para. Não posso confiar em ti se entrares dessa maneira na minha cabeça. Não confiarei em ti.

Ele recuou, a todos os níveis.

— Muito bem, muito bem. Vamos ouvir-te.

— A Ann Hawkins chegou primeiro — começou Quinn — mas falamos disto depois, se não te importas. A Layla acabou de o contar.

— Então continua.

— O telefone tocou — repetiu Layla, e contou a história toda.

— Tu magoaste-o — disse Quinn. — Sozinha. Isso são boas notícias. E gosto das tuas botas.

— Acabam de se tornar a minha peça favorita.

— Mas tu sentiste dor. — Cal apontou a barriga da perna dela. — E isso não é bom.

— Foi só durante um segundo e, honestamente, não sei quanto foi pânico ou a expectativa da dor. Estava tão assustada, por razões óbvias, e depois ainda chegou a serpente. Estava em hiperventilação, ao princípio não consegui evitá-lo. Teria desmaiado se não tivesse mais medo que o bicho andasse por cima de mim enquanto estivesse inconsciente. Tenho um problema.

Cybil inclinou a cabeça. — Um problema com serpentes? Sofres de ofidiofobia? Fobia às cobras — explicou, quando Layla ficou de expressão vazia.

— Ela sabe todo esse género de coisas — comentou Quinn com orgulho.

— Não sei se é uma verdadeira fobia. Só não gosto... está bem, tenho medo de cobras. De coisas rastejantes.

Cybil olhou para Quinn.

— Como a lesma gigante que tu e a Layla viram na sala de jantar do hotel no dia em que ela chegou.

— Está a aproveitar-se dos medos dela. Bem visto, Cyb.

— Quando vocês estavam os quatro juntos no Baile dos Namorados, foram aranhas. — Cybil ergueu uma sobrancelha. — Tu tens um problema com aranhas, Quinn.

— Sim, mas é mais asco que medo.

— Foi por isso que não disse que sofrias de aracnofobia.

— Disso sofre o Fox — informou Cal.

— Não. Não gosto de aranhas, mas...

— Quem é que não quis ir ver *Aracnofobia*? O filme? Quem é que gritou como uma menina quando uma aranha-lobo caminhou pelo seu saco-cama quando nós...

— Eu tinha doze anos, por amor de Deus! — Com o ar de um homem dividido entre o embaraço e a impaciência, Fox enfiou as mãos nos bolsos. — Não gosto de aranhas, o que é diferente de ter uma fobia. Têm demasiadas pernas, ao contrário das cobras, que não têm nenhuma, o que eu acho fixe. Só fico um bocado assustado com as aranhas que são maiores que a minha mão.

— Aquelas eram — concordou Layla.

Fox suspirou.

— Sim, acho que eram.

— A Ann avisou a Layla que o demónio procura as nossas fraquezas.

— Aranhas e cobras — comentou Cal.

— Não são suficientes — concluiu Gage, conseguindo um sorriso débil de Cybil.

— A ti, o que te assusta? — perguntou-lhe.

— As Finanças e as mulheres capazes de articular palavras como ofidiofobia.

— Toda a gente tem medos, pontos fracos. — Fatigada, Layla esfregou a nuca. — Ele vai usá-los contra nós.

— É melhor fazermos uma pausa, levamos-te a casa. — Fox examinou o rosto de Layla. — Estás com dor de cabeça. Vejo-o nos teus olhos — acrescentou resolutamente quando ela endireitou as costas. — Vou encerrar o dia.

— Boa ideia — aprovou Quinn antes de Layla poder objetar. — Voltamos para casa. A Layla poderá tomar uma aspirina, talvez um banho quente. A Cybil vai cozinhar.

— Ai vai? — disse Cybil secamente, revirando os olhos enquanto Quinn sorria. — Está bem, está bem, eu cozinho.

Quando as mulheres saíram, Fox colocou-se no centro da sala, olhando em volta.

— Não há aqui nada, amigo — disse Gage.

— Mas houve. Todos o sentimos. — Fox olhou para Cal, que acenou afirmativamente.

— Seja como for, nenhum de nós pensou que a Layla tivesse imaginado o que aconteceu.

— Ela não imaginou — concordou Gage — e consegui lidar com a situação. Nenhuma destas mulheres é fraca, e isso é uma vantagem.

— Ela estava sozinha — disse Fox, virando-se. — Teve de *lidar* com a situação sozinha.

— Nós somos seis, Fox. — A voz de Cal era calma, medida. — Não podemos estar juntos vinte e quatro horas por dia. Temos de trabalhar, dormir, viver, é assim que as coisas são. Sempre assim foi.

— A Layla conhece as jogadas. — Gage abriu os braços. — Tal como nós todos.

— Isto não é um jogo de hóquei.

— E ela não é a Carly.

Depois do comentário de Cal, a sala ficou silenciosa.

— A Layla não é a Carly — repetiu ele, mais calmamente. — O que aconteceu aqui hoje não é mais culpa tua do que o que aconteceu há sete anos. Se não tirares esse peso das costas, não estás a fazer favor nenhum, nem a ti nem à Layla.

— Nenhum de vocês perdeu nisto alguém que amava — retorquiu Fox. — Por isso não sabem.

— Nós estivemos presentes — corrigiu Gage. — Por isso, sabemos muito bem. — Arregaçou a manga e mostrou a fina cicatriz branca. — Porque nós sempre estivemos presentes.

Fox soltou um suspiro, porque era a pura verdade. A sua raiva diminuiu.

— Precisamos de conceber um sistema de contacto. Para que todos possam receber um sinal se algum de nós for ameaçado quando está sozinho. Temos de arranjar qualquer coisa — acrescentou Fox. — Mas, para já, tenho de fechar o escritório e tirar este fato. Depois, quero uma cerveja.

Quando chegaram à casa alugada, já decorriam os preparativos para o jantar, com Quinn indigitada para ajudante de cozinha de Cybil.

— O que é o jantar? — Cal inclinou-se, levantou o queixo de Quinn e beijou-a na boca.

— Apenas sei que me mandaram descascar estas cenouras e estas batatas.

— A ideia de fazer o jantar para seis foi tua — recordou-a Cybil, mas sorriu para Cal. — O jantar é delicioso. Vais gostar. Agora vai-te embora.

— Ele podia pelar as cenouras — objetou Quinn.

— O Fox pode fazer isso — ofereceu Cal. — Sabe lidar com legumes, porque era praticamente a única coisa que se comia em casa dele.

— É por isso que deves praticar — replicou Fox. — Quero falar com a Layla. Onde está ela?

— Lá em cima. Ela... *hum* — concluiu Quinn quando Fox simplesmente se virou e abalou. — Deve ser interessante. Tenho pena de não assistir.

Fox subiu as escadas. Conhecia a configuração do andar de cima pois tivera de carregar para lá móveis quando as mulheres estavam a instalar-se. Foi direito ao quarto dela e entrou porque a porta estava aberta. Layla estava de sutiã e cuecas minúsculas.

— Preciso de falar contigo.

— Fora daqui. Desaparece. Santo Deus! — Pegou numa camisa de cima da cama e pô-la diante do corpo.

— Não demora muito.

— Não me interessa quanto tempo demora. Não estou vestida.

— Por amor de Deus, já vi outras mulheres em roupa interior. — Porém, como Layla se limitou a esticar o braço e apontar a porta, adotou a solução de compromisso de se virar de costas. — Se tens esses problemas, devias fechar a porta.



- Isto é uma casa de mulheres e eu... esquece.  
 Ele ouviu o roçar das roupas, gavetas a abrir e a fechar.
- Como está a dor de cabeça?
- Está bem. Quero dizer, desapareceu. Estou bem, pelo que, se era só isso...
- Também podes desmontar.
- Desculpa?
- Do teu grande cavalo. E podes desistir da ideia de eu te pedir desculpa por te ter lido. Transpiravas medo e este entrou em mim. O que aconteceu a seguir foi instintivo e não faz de mim um médium bisbilhoteiro.
- Consegues refrear os teus instintos e estás sempre a fazê-lo. Foste tu quem mo disse.
- É um pouco mais difícil quando é alguém com quem me preocupo e está em crise. Aguenta-te. Entretanto, devias começar a procurar outro emprego.
- Estás a *despedir-me*?
- Calculando que ela já tivera tempo suficiente para vestir qualquer coisa, Fox virou-se. Ainda via a sua imagem, nítida como cristal, em cuecas e sutiã, mas teve de admitir que, usando calças de ganga, camisola e indignação, era igualmente impressionante.
- Estou a sugerir que arranjes um emprego onde estejas rodeada de pessoas, para não ficares sozinha. Estou sempre a entrar e a sair do escritório e uma vez que a senhora Hawbaker...
- Estás a sugerir que preciso de uma ama?
- Não, mas digo-te agora que tens um grande botão de reação intempestiva e ficaste com o dedo colado nele. Estou a sugerir que não deves sentir-te obrigada a voltar ao escritório; que, se isso te for desconfortável, eu compreendo, e tomarei outras medidas.
- Estou a viver e a trabalhar numa cidade onde um demónio vem brincar de sete em sete anos. Há muito mais coisas que me põem desconfortável, além de organizar o teu maldito arquivo.
- Há outros empregos em que não estarias regularmente sozinha a organizar o maldito arquivo de ninguém. Sozinha num escritório onde foste cercada e atacada.
- Um escritório onde ripostei e causei danos.
- Não estou a ignorar isso, Layla.
- É o que me parece.
- Não me quero sentir responsável por alguma coisa que te aconteça. Não digas nada. — Ele levantou uma mão. — É o meu escritório, a minha agenda, os meus sentimentos.

Layla inclinou a cabeça, num gesto que era tanto de reconhecimento como de desafio.

— Então terás de me despedir ou aceitar o teu próprio conselho, aguentares-te.

— Nesse caso... aguentarei. Vamos tentar arranjar uma espécie de alarme ou sinal que possa chegar a todos ao mesmo tempo. Acabaram-se as cadeias de chamadas.

— Algo do género do sinal do Batman?

Ele teve de rir.

— Seria fixe. Havemos de falar disso.

Quando saíram juntos do quarto, Fox perguntou:

— Estamos bem, agora?

— Suficientemente bem.

Apesar das ordens de Cybil, os outros estavam reunidos na cozinha. O que quer que estivesse na ementa já aromatizava o ar. O cão de Cal, *Lump*, ressonava, estendido debaixo da mesinha de café.

— Há uma sala muito boa nesta casa — salientou Cybil. — Adequada para homens e cães, tendo em conta a sua decoração atual.

— A Cybil ainda não concorda com a atmosfera especial-feira-da-ladra. — Quinn sorriu e mordeu um pé de aipo. — Sentes-te melhor, Layla?

— Muito melhor. Vou só servir-me de um copo de vinho, depois vou lá para cima classificar este último acontecimento. A propósito, estavas a telefonar-me porquê? Disseste que tinhas tentado ligar-me para o telefone do escritório e para o telemóvel.

— Oh, caramba, com toda esta agitação, esquecemo-nos. — Quinn olhou para Cybil. — A nossa investigadora principal encontrou outra pista do lugar onde Ann Hawkins pode ter vivido depois daquela noite na Pedra Pagã.

— Uma família chamada Ellsworth, que em 1652 vivia a poucas milhas da povoação. Chegaram pouco depois dos Hawkins, cerca de três meses depois, pelo que pude descobrir.

— Existe uma conexão? — perguntou Cal.

— Ambos vieram de Inglaterra. O homem chamava-se Fletcher Ellsworth. Ann pôs a um dos filhos o nome Fletcher. E a mulher dele, Honor, era prima em terceiro grau da mulher do Hawkins.

— Definiria isso como uma conexão — declarou Quinn.

— Localizaste a casa onde viviam?

— Estou a trabalhar nisso — disse Cybil a Cal. — Descobri isto porque um dos descendentes de Ellsworth esteve na batalha de Valley Forge e um dos descendentes *dele* escreveu um livro acerca da família. Já o contactei e é um tagarela.

— As pessoas falam sempre com a Cyb. — Quinn comeu mais um pouco de aipo.

— Pois falam. O homem conseguiu verificar que os Ellsworth que nos interessam eram donos de uma quinta a oeste da cidade, num lugar chamado Hollow Creek.

— Então, só temos de... — Quinn deteve-se quando viu a expressão de Cal. — Que foi? — Como este fixava Fox, ela virou-se e repetiu: — Que foi?

— Alguns dos habitantes da cidade ainda lhe dão esse nome — explicou Fox. — Ou davam, quando os meus pais compraram o terreno, há trinta e três anos. É a quinta da minha família.